MODERNOS & CONTEMPORÂNEOS

Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 22., jul./dez., 2025.

A ontologia na psicanálise de Lacan[1]

Pedro Henrique Bedin Affonso[2]
José Francisco Miguel Henriques Bairrão[3]

Resumo: Em estrito debate com a tradição filosófica, Lacan reiteradamente perfaz um questionamento radical da dimensão ontológica no âmbito da psicanálise, atinente à constituição do sujeito, ao referenciamento do inconsciente e à delimitação da prática clínica. O exame dos matizes desse questionamento se faz necessário para se vislumbrar o delineamento da problemática ontológica em Lacan e extrair suas implicações teórico-clínicas. Para tal, discute-se seus desenvolvimentos iniciais profundamente marcados pelo pensamento de Heidegger; a lacuna ontológica estruturante do sujeito enquanto falta-a-ser, constituinte da dimensão desejante; e a discordância entre ser e saber. A subversão operada por Lacan visa uma renovação da problemática do sujeito na psicanálise, inabordável no campo epistemológico, que leva a um tangenciamento ontológico, devendo, em última instância, se elaborar em uma ética.

Palavras-chave: Psicanálise; Jacques Lacan; Ontologia.

Abstract: In strict debate with the philosophical tradition, Lacan repeatedly raises a radical questioning of the ontological dimension within psychoanalysis, relative to the constitution of the subject, the referencing of the unconscious, and the delimitation of clinical practice. Examining the nuances of this questioning is necessary to detect the delineation of Lacan's ontological problematic and to extract its theoretical and clinical implications. To this end, we discuss its initial developments, profoundly influenced by Heidegger's thought; the structuring ontological gap of the subject as lack-to-be, constituting the desiring dimension; and the discordance between being and knowledge. Lacan's subversion aims to renew the problematic of the subject in psychoanalysis, unapproachable within the epistemological field, leading to an ontological tangency, which ultimately must be elaborated in an ethics.

Keywords: Psychoanalysis; Jacques Lacan; Ontology.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo – pedroaffonso@usp.br – https://orcid.org/0000-0002-1062-367X.

3 Professor Associado do Departamento de Psicologia da Universidade de São Paulo – bairrao@usp.br – https://orcid.org/0000-0001-6372-8873.

Desde o início de seu ensino, considerado a partir do marco de sua enunciação de seu programa de retorno a Freud, Lacan (1953-4/1986) introduz um radical questionamento da dimensão ontológica no âmbito da psicanálise. O exame dos matizes dessa indagação se faz necessário para, a partir de suas nuances, vislumbrar o delineamento do problema do ser atrelado à significância. Sublinha-se a complexidade da questão, não para favorecer o obscurantismo, mas apenas para descartar sua simplificação, por uma antecipação demasiado rápida e imprecisa, de que o problema se reduziria ao simples dualismo propriamente ontológico do ser ou não-ser a psicanálise uma ontologia – o que também se aplicaria ao problema de sua cientificidade.

Destaca-se que, embora a formulação do problema em termos filosóficos se imponha a Lacan, trata-se de uma questão eminentemente clínica e, portanto, crucial para a psicanálise. Pois, muito mais do que um tópico reservado aos especialistas em filosofia clássica, a questão do ser se faz presente na *doxa* contemporânea e, no que tange à psicanálise, aos analistas e analisandos, quer estejam cientes ou não. Cabe à psicanálise, em sua ambição de se constituir como uma *práxis* – o que não significa um saber-fazer regido pela mera experiência vivencial ou intuição, mas a relação indissolúvel entre o campo de atuação e o saber constituído, sem que o primeiro tenha precedência sobre o segundo –, explicitar os pressupostos ontológicos subjacentes, não somente à *doxa*, ao discurso do analisando, como também à sua própria *episteme*, à formação do analista. Não se trata, portanto, de empreender uma divagação filosófica puramente especulativa sobre o ser, tampouco da constituição de uma ciência antropológica ou psicológica que ambicione desvelar o sentido último do ser do ente humano. Esses sucintos esclarecimentos visam apenas nortear o leitor de alguns pressupostos de extrema relevância para uma introdução ao problema que se aspira abordar.[4]

Anos cinquenta: o esquecimento do ser e seu desvelamento (*Alétheia*, ἀλήθεια)

Buscando preservar a cronologia da argumentação de Lacan, para, a partir da diacronia de seu ensino especular sobre o aspecto sincrônico das rupturas e ressignificações, iniciamos com o exame de algumas asserções de Lacan proferidas em seu primeiro seminário, de 1953-1954. Esse primeiro momento de seu ensino é profundamente marcado pela referência explícita ao questionamento de Heidegger acerca do ser. Lacan não somente conhecia com certa profundidade a obra intelectual de Heidegger, o que é evidenciado pelos diversos comentários e reflexões que perfaz

4 Cabe ainda explicitar de antemão uma decisão metodológica que guia nossa análise, nomeadamente, de se limitar ao exame da bibliografia primária, a saber, os seminários, escritos e conferências transcritas de Lacan, evitando recorrer à bibliografia secundária, referente aos comentadores. Deste modo, acredita-se estar em melhores condições de se ater com fidelidade à lógica interna do ensino do psicanalista, vislumbrando seus desdobramentos e inflexões próprias, reservando para uma futura publicação a apresentação do estado da arte das discussões e controvérsias contemporâneas em torno da problemática ontológica no ensino de Lacan.

ao longo dos anos, tendo inclusive publicado uma tradução para o francês de "Logos" (1956) do filósofo alemão, em que aborda o pensamento de Heráclito, como também teve alguns encontros pontuais com o filósofo (Roudinesco, 2008). Tendo esse estreitamento como certo, cabe uma apreciação dos pormenores da apropriação de Lacan das teses heideggerianas e da especificidade de sua "desapropriação", se assim podemos dizer, a saber, de como seu posicionamento em relação a problemática do ser e sua articulação ao sujeito não se concebe meramente enquanto filiação ou rejeição às teses heideggerianas, mas perfaz um modo original de questionamento acerca do sujeito do inconsciente em relação ao ser.

Na sessão de 19 de maio de 1954 de seu primeiro seminário oficial, Lacan aborda a instituição do recalque originário enquanto constituinte de um núcleo de algo que "se destaca do sujeito no próprio mundo simbólico que ele começa a integrar", em torno do qual se constituirão sintomas e recalques sucessivos, indicando a identidade entre recalque e retorno do recalcado. Ao ser questionado por Octave Mannoni se isso eliminaria a noção de recalque bem-sucedido, Lacan responde que não, indicando que para elucidar a questão "seria preciso entrar em toda a dialética do esquecimento. Toda integração simbólica bem sucedida comporta uma espécie de esquecimento normal. Mas isso nos levaria bem longe da dialética freudiana". Mannoni então questiona se se trataria de um esquecimento sem volta do recalcado, ao que Lacan responde afirmativamente, complementando que a integração na história levaria ao esquecimento de um mundo de sombras que não são alçadas à existência simbólica, a qual, sendo plenamente assumida pelo sujeito, não deixaria nada para trás. Segundo Lacan, "seria preciso fazer intervir então noções heideggerianas. Há em toda entrada do ser na sua habitação de palavras uma margem de esquecimento, uma λήθη (*lethe, esquecimento*) complementar de toda άλήθεια (*alétheia, verdade, desvelamento*)" (1953-4/1986, p. 222-223).

A seguir, Jean Hyppolite parece se surpreender com a afirmação de Lacan de que o recalque bem-sucedido é essencial, questionando se com isto o psicanalista estaria se referindo ao esquecimento mais fundamental, o que é confirmado. O diálogo entre Lacan e Hyppolite continua, com o segundo sustentando que "a autenticidade heideggeriana é não soçobrar no esquecimento do esquecimento", ao que Lacan responde em forma de questão:

> [...] essa margem de erro que há em toda realização do ser é sempre, parece, reservada por Heidegger a uma espécie de λήθη fundamental de sombra da verdade. [...] Heidegger fez uma espécie de lei filosófica dessa volta às fontes do ser. Retomemos a questão. Em que medida um esquecimento do esquecimento pode ser bem sucedido? Em que medida toda análise deve desembocar na volta ao ser? Ou em certo recuo no ser, tomado pelo sujeito em relação ao seu próprio destino? [...] aonde irá a dialética da reintegração simbólica do desejo? Basta simplesmente que o sujeito nomeie seus desejos, que tenha permissão de nomeá-los, para que a análise esteja terminada? (1953-4/1986, p. 223).

Em última instância, Lacan se pergunta se a finalidade da análise converge com a proposta heideggeriana de desvelamento da verdade, de retorno às origens do ser, da alethéia. Poder-se-ia dizer que essa comparação marca, num só ato, sua proximidade e distanciamento em relação à Heidegger, pois a resposta que dará no final da mesma lição afirma a insuficiência da reconstituição histórica e rememorativa enquanto procedimento de uma hermenêutica própria da analítica existencial (1953-4/1986).

Ainda no mesmo seminário, Lacan volta a abordar a noção de ser, desta vez em articulação a uma temática heideggeriana central em seu ensino, a verdade. Se o nexo entre ser e verdade está dado primariamente por Heidegger, Lacan irá introduzir neste pareamento a mentira, mas não como oposta à verdade e/ou própria de seu encobrimento ou esquecimento (*lethe*), mas enquanto correlata de uma concepção não-correspondencial da verdade:

> É a palavra que instaura na realidade a mentira. E é precisamente porque introduz o que não é, que pode também introduzir o que é. Antes da palavra, nada é, nem não é. Tudo já está aí, sem dúvida, mas é somente com a palavra que há coisas que são – que são verdadeiras ou falsas, quer dizer, que são – e coisas que não são. É com a dimensão da palavra que se cava no real a verdade. Não há nem verdadeiro nem falso antes da palavra. [...] o ato mesmo da palavra, que funda a dimensão da verdade, fica sempre, por esse fato, atrás, para além. A palavra é por essência ambígua. Simetricamente, cava-se no real o buraco, a hiância do ser enquanto tal. A noção de ser, desde que tentamos apreendê-la, mostra-se tão inapreensível quanto a palavra. Porque o ser, o verbo mesmo, só existe no registro da palavra. A palavra introduz o oco do ser na textura do real, um e outro se mantêm e oscilam, são exatamente correlativos (1953-4/1986, p. 261).

O ponto de partida da reflexão de Lacan enfoca a especificidade da constituição do ser como ser falante, considerando a mentira que emerge da inadequação entre a palavra e a percepção um aspecto central da enunciação, como negação constituinte da realidade, inaugurando a possibilidade de transposição do que é no que não-é e vice-versa. Ao estabelecer uma correlação entre a palavra e o ser, Lacan reafirma a insubstancialidade, a oquidão, da dimensão simbólica que se introduz no real, instaurando "a hiância do ser enquanto tal", ou ainda, "o oco do ser na textura do real". No trecho "porque o ser, o verbo mesmo, só existe no registro da palavra" se encontra a ambiguidade, quiçá calculada, entre o verbo ser e "o Verbo mesmo", atinente ao logos. Tal equivocidade parece remeter ao atrelamento entre o ôntico da linguagem e o ontológico da enunciação criadora. Nesse sentido, cabe pontuar a irredutibilidade à dimensão linguística, havendo-se que contemplar os dois planos, ôntico e ontológico, por assim dizer, em sua inextricável articulação.

Ao falar do ser do sujeito, Lacan não se refere a uma entidade psicológica ou metafísica, pelo contrário, indica que o que aparentemente se situa além do

horizonte do cognoscível deve ser apreendido na dimensão simbólica da fala. Em suas palavras, "o para além de que se trata está na dimensão mesma da palavra. Por ser do sujeito, não entendemos as suas propriedades psicológicas, mas o que se cava na experiência da palavra, em que consiste a situação analítica" (1953-4/1986, p. 263). Tendo aberto a questão do ser, recusa-se a decisão precipitada de prover a ela uma resposta que tornaria a findá-la, fosse em uma psicologia ou em uma antropologia, pois não se trata de um empreendimento especulativo que visaria apontar o mais-além de sua realização, mas do delineamento de uma práxis na qual o ser se faz presente no horizonte a todo momento, sendo em sua própria definição inalcançável.

Há, portanto, uma abordagem da questão do ser que seria inerente à situação analítica, por se tratar de uma experiência da palavra, articulada pela ordem simbólica. Cabe ainda apontar que o sintagma "ser do sujeito" é um termo um tanto ambíguo, pois pode ser erroneamente remetido a uma imaginarização do ser como uma propriedade do sujeito, sendo que se trata da condição de ser-sujeito, caracterizada justamente pela falta-a-ser, pela precariedade em ser, a qual é consubstancial ao simbólico.

Lacan não somente situa as paixões fundamentais, a saber, amor, ódio e ignorância, na dimensão do ser, como a própria análise é definida como um processo cujo horizonte indica a realização do ser:

> No início da análise como no início de toda dialética, esse ser, se ele existe implicitamente, de maneira virtual, não é realizado. Para o inocente, para aquele que nunca entrou em nenhuma dialética e se acredita singelamente no real, o ser não tem nenhuma presença. A palavra incluída no discurso se revela graças à lei da livre associação que o coloca em dúvida, entre parênteses, suspendendo a lei da não-contradição. Essa revelação da palavra é a realização do ser (1953-4/1986, p. 309).

Seria então a partir da assunção da ignorância que se instaura a mola do processo analítico, arrancando o sujeito da ingenuidade de estar situado no real, incluindo-o numa dialética que culmina na revelação da palavra que o realiza em seu ser. Nota-se, desde aqui, a referência de Lacan à lógica, a qual irá se intensificar posteriormente em seu ensino, indicando que este processo passa pela suspensão da lei da não-contradição, o que também poderia implicar que a realização do ser não se dá pela exclusão do não-ser, mas pela subversão dessa clássica oposição.

A dimensão do ser, em sua oquidão, se instaura no real através da palavra, não pela afirmação de uma essência positivada, tampouco de uma pura negatividade, mas, a princípio, de uma indiscernibilidade quanto ao seu estatuto, entre o ser e o nada:

> Porque as palavras, os símbolos, introduzem um oco, um buraco, graças ao qual todas as espécies de franqueamentos são possíveis. As coisas tornam-se intercambiáveis. Esse buraco no real chama-

> se, segundo a maneira pela qual o encaramos, o ser ou o nada. Esse ser e esse nada são essencialmente ligados ao fenômeno da palavra. É na dimensão do ser que se situa a tripartição do simbólico, do imaginário e do real, categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada na nossa experiência. Não é por nada, sem dúvida, que elas são três. Deve haver aí uma lei mínima que a geometria não faz, aqui, mais do que encarnar, a saber, que se vocês destacam no plano do real algum pedaço que se introduza numa terceira dimensão, não poderão fazer nada de sólido senão com dois outros pedaços no mínimo (Lacan, 1953-4/1986, p. 308).

Destaca-se a menção de Lacan às categorias do ser e do nada que são uma implícita referência à obra de Sartre, interlocutor altamente relevante para esta discussão. Há aqui uma espécie de contraponto elaborado por Lacan em relação a Sartre tangente à constatação do ser e do nada enquanto substantivos ou produtos metafísicos, pois, está advertindo que ser e nada "são essencialmente ligados ao fenômeno da palavra", ou seja, são efeitos de uma operação simbólica atrelada à enunciação, correlatos de um ato enunciativo de afirmação (*Bejahung*) do ser ou negação/expulsão (*Austossung*) constituinte do nada.

A indicação de que é na dimensão do ser que se situa a tripartição entre real, simbólico e imaginário afirmaria o estatuto ontológico dessas categorias? Infere-se que cada um desses registros corresponderia a um tipo distinto de atributo do ser? No que tange ao estatuto da tripartição do real, simbólico e imaginário, no seminário sobre a identificação, Lacan esclarece que não se trata de categorias ontológicas, dizendo explicitamente que "se o distinguimos do imaginário e do real, esse registro simbólico [...] não se trata de uma definição ontológica, não estão aqui os campos do ser que eu separo" (1961-2/2003, p. 70). Embora seja legítimo o questionamento acerca de uma possível ruptura ou reelaboração da questão do ser entre esses dois momentos, separados por quase uma década, nos parece mais precisa a hipótese de leitura de que, mesmo quando Lacan situa sua tripartição na dimensão do ser, está se referindo a uma espécie de cisão interna à ordem simbólica, do significante, ou, nos termos empregados no início dos anos cinquenta, da palavra, como constituinte da própria ideia de ser.

Real, simbólico e imaginário não são categorias ontológicas, tampouco metafísicas ou metapsicológicas, cuja existência esteja garantida aprioristicamente. Neste sentido, portanto, seja ao se referir a uma espécie de sedimentação ou encadeamento inerte de uma significação (imaginário) ou a um limite interno, articulável apenas pela asserção de uma impossibilidade indemonstrável, marcada pelo tropeço diante do intangível ou inefável, ainda que seu para-além seja, a bem-dizer, um para-aquém estruturante (real), não se sai jamais do simbólico,[5] pois dispõe apenas de encadeamentos significantes para compor seu arcabouço teórico-

5 A não ser que se adote a via representacionista, psicológica ou metapsicológica, opções descartadas por Lacan, que negligenciam a própria tripartição em questão e se assentam em uma perspectiva exclusivamente imaginária, para não dizer ingênua.

conceitual, contando apenas com a astúcia de sabê-lo submetido às leis da sincronia e diacronia que caracterizam a cadeia significante.

Em seu seminário de 1954-1955, Lacan retoma a problemática do ser em oposição à noção de objeto – objeto da investigação científica, depurado de suas características sensíveis – para destacar que, desde Freud, está posta a questão acerca do ser, ainda que se situe no horizonte do apreensível. Em suas palavras, "o ser, do ponto de vista científico, nós não o podemos apreender [...] já que ele não é de ordem científica. Mas a psicanálise é contudo uma experiência que designa, se é que se pode dizer, o seu ponto de fuga" (1954-5/1985, p. 137). O ser é aqui referido àquilo que Freud situou enquanto o umbigo do sonho, "ponto absolutamente não apreensível", ou ainda, "ponto de surgimento da relação do sujeito com o simbólico". Chegando a afirmar que "o que denomino ser é esta palavra derradeira, que não nos é certamente acessível na posição científica, mas cuja direção nos é indicada nos fenômenos de nossa experiência (Lacan, 1954-5/1985, p. 138).

O ser, portanto, designa esse momento mítico de entrelaçamento entre sujeito e simbólico, ponto inapreensível de uma relação constituinte da experiência humana, cuja especificidade é a sua irredutibilidade à objetalidade, transbordando-se enquanto "um ser que está realizando algo de metafísico" (Lacan, 1954-5/1985, p. 138). Mais adiante, Lacan passa a articular a dimensão do ser inextricavelmente com a problemática da falta, culminando na elaboração do desejo inconsciente enquanto expressão de uma falta-a-ser no âmago do sujeito. O psicanalista se refere ao campo da experiência freudiana como mundo do desejo, e não das coisas, tampouco do ser. Deste modo, compreende-se a asserção de que "o desejo é uma relação de ser com falta. Esta falta é falta de ser, propriamente falando. Não é falta disto ou daquilo, porém falta de ser através do que o ser existe" (Lacan, 1954-5/1985, p. 280). O desejo, subsistindo como falta-a-ser, não possui objeto, tampouco pode ser nomeado. Diferentemente da ontologia tradicional, para qual o ser é, Lacan argumenta que "se o ser fosse apenas o que é, não haveria nem sequer lugar para se falar dele. O ser se põe a existir em função mesmo desta falta. É em função desta falta, na experiência de desejo, que o ser chega a um sentimento de si em relação ao ser" (Lacan, 1954-5/1985, p. 281). O psicanalista perfaz uma crítica à teoria do conhecimento que afirma a autotransparência da consciência de si, apoiado no argumento acerca da impredicabilidade do ser do sujeito. Em suma, Lacan argumenta que a falta constitutiva do sujeito, falta de um objeto com o qual poderia se "completar" ou se "realizar", inaugura a dimensão do ser, de modo que a emergência da pergunta pelo ser coincide com a falta-a-ser que a origina, hiância que se revela estrutural e, portanto, irremediável.

Poder-se-ia questionar o quanto uma análise etimológica da palavra "ser" no estilo propriamente freudiano de "Sobre o sentido antitético das palavras primitivas" (1910/2013) poderia agregar a uma compreensão da questão ontológica e seus

desdobramentos ao longo da história. Esta perspectiva não passa despercebida por Lacan, até porque esta temática não é alheia à filosofia, pelo contrário, tendo sido amplamente investigada por Heidegger, em especial, e comentada por Jean Wahl – ambos interlocutores de Lacan. Essa incursão de Heidegger em torno do verbo "ser" é brevemente apresentada e comentada por Lacan em seu seminário sobre as psicoses:[6]

O comentário de Lacan sobre análise etimológica empregada por Heidegger explicita a proximidade entre o verbo "ser" e o conceito de natureza, por sua vez derivado do grego *physis* ou *phusis,* que traz a ideia de vida, duração, ou ainda, no sentido aristotélico, de maturação, o que, em última instância, se traduz enquanto finalidade. Nesta última acepção, trata-se da ideia de ser enquanto essência, mas somente se entendida como inevitabilidade de cumprir o destino que se impõe como causa final, o que se inscreve como modalidade lógica da universal afirmativa do necessário. Mas o ponto crucial a se ressaltar no argumento de Lacan é seu entendimento daquilo que é de fato operativo no verbo ser, a saber, "a função pura e simplesmente copulativa", o que se aborda em lógica proposicional, enquanto verbo de ligação entre sujeito e predicado. Encontra-se aqui o que pode ser considerado o germe de uma reflexão de Lacan acerca da estrutura da lógica dos predicados, a qual se desdobra no que se convencionou nomear como "virada lógica" de seu ensino no início dos anos setenta. Vê-se ainda que a designação da função do verbo "ser" enquanto copulativa é o que subsiste no plano de fundo da correlação entre a impossibilidade lógica colocada pelo real e a inexistência da relação sexual, enquanto proporção, no sentido matemático da relação entre dois termos.

A referência à reflexão de Heidegger sobre o ser torna a aparecer nas elaborações de Lacan em 1954 na ocasião de um debate com Jean Hyppolite, indicando novamente que a "criação simbólica da negação em relação à *Bejahung* [...] concerne a uma relação do sujeito com o ser, e não do sujeito com o mundo" (1954/1998, p. 384), portanto, diz respeito à dimensão ontológica. Lacan situa

6 "É em torno da análise do verbo ser que deveria se situar nosso próximo passo. [...] O Sr. Heidegger dá muita importância ao significante, ao nível da análise da palavra e da conjugação como se diz correntemente, digamos mais exatamente da declinação. Em alemão como em francês, esse famoso verbo ser está longe de ser um verbo simples, e mesmo de ser apenas um verbo. [...] Isolaram mais ou menos três raízes para as línguas européias, aquelas que correspondem a somos, a é e a foi, que se aproximam da raiz phusis em grego, que se relaciona à idéia de vida e crescimento. Para as outras, o Sr. Heidegger insiste nas duas faces, Sten, que se aproximaria de stare, de manter-se de pé sozinho, e Verbahen, durar, esse sentido estando assim mesmo ligado à fonte phusis. Para o Sr. Heidegger, a idéia de manter-se ereto, a idéia de vida e a idéia de durar seriam portanto o que nos mostraria uma análise etimológica completada pela análise gramatical, e isso seria uma espécie de redução e de indeterminação lançada sobre o conjunto desses sentidos, de que surgiria a noção de ser. Resumo, para lhes dar a idéia da coisa. Devo dizer que uma análise dessa ordem é antes de natureza a elidir, a mascarar aquilo em que o Sr. Heidegger tenta nos iniciar, a saber, o que é absolutamente irredutível na função do verbo ser, a função pura e simplesmente copulativa. Estaríamos errados em crer que é por uma virada progressiva desses diferentes termos que essa função se isola" (Lacan, 1955-6/2008, p. 338).

a obra de Freud em relação ao que havia de mais recente no debate filosófico contemporâneo, indicando estar "muito à frente de sua época e bem longe de estar em falta com os aspectos mais recentes da reflexão filosófica" (1954/1998, p. 384), se referindo nitidamente ao pensamento de Heidegger. Segundo o psicanalista francês, o pensamento sobre a existência seria nada mais que o "aparato que detecta em alguns, e recobre em outros, os contragolpes mais ou menos bem compreendidos de uma meditação sobre o ser que vem contestar toda a tradição de nosso pensamento como saída de uma confusão primordial do ser no ente" (1954/1998, p. 384). Há aqui um reconhecimento da importância da delimitação filosófica de um campo conceitual que precede a psicanálise e cujo desconhecimento ou rejeição impele à ignorância acerca de questões cruciais que só pode levar a um desencaminhamento da práxis analítica.

A "confusão primordial do ser no ente" é nada menos que o diagnóstico heideggeriano da filosofia contemporânea que culmina no esquecimento do ser. Lacan retoma a reflexão heideggeriana mais à frente em um paralelo com a categoria freudiana da afirmação primordial da simbolização (*Bejahung*) que inaugura o processo primário e constitui o juízo atributivo, "que não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha se oferecer à revelação do ser, ou, para empregar a linguagem de Heidegger, seja deixado-ser" (1954/1998, p. 389-390). Nessa chave de leitura assumidamente heideggeriana, a *Verwerfung,* mecanismo constituinte da psicose, é caracterizada por uma supressão da abertura para o ser, o que faz com que, diferentemente do que ocorre na neurose, a dimensão histórica não responda enquanto lócus de um apagamento, de uma lacuna, identificável e passível de deslocamentos e substituições que constituem os sintomas neuróticos e formações do inconsciente.

Outra referência de suma importância no ensino de Lacan acerca da questão ontológica é o texto de 1957, intitulado "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", no qual retoma e avança sua argumentação acerca do ser, ou melhor, da falta-a-ser que caracteriza o desejo inconsciente. Ao comentar a especificidade da descoberta freudiana e criticar os desencaminhamentos dos pós-freudianos, Lacan refere que Freud, mesmo no contexto teórico-epistemológico de sua época, não dispondo "de nada que, correspondendo a seu objeto, estivesse no mesmo nível de maturidade científica [presumidamente se referindo à linguística estrutural, cujo surgimento lhe foi posterior], pelo menos ele não deixou de manter esse objeto à altura de sua dignidade ontológica" (1957/1998, p. 517). Ao sublinhar a dignidade ontológica do inconsciente preservada por Freud, Lacan argumenta em favor do posicionamento do fundador da psicanálise, em oposição aos pós-freudianos que teriam incorrido na degradação do inconsciente em termos psíquicos ou cognitivos, reafirmando que a especificidade do inconsciente, pela inflexão que impõe à *doxa*, requer seu equacionamento por um procedimento metodológico

próprio, a saber, a práxis psicanalítica. Não se trata, portanto, de uma afirmação do estatuto ontológico do inconsciente, a saber, enquanto instância passível de apreensão por um arrazoamento ontológico. A especificação do problema requer prudência, pois, ainda que, em última instância, o inconsciente seja concebido por Lacan como o *lócus* da formulação do sujeito acerca de seu ser – enquanto ser-sujeito, e não entificado como o ser do sujeito – esta reflexão sobre o ser é compreendida como decorrente da tentativa de sutura da falha estrutural sobre a qual se funda.

Lacan subverte o cogito cartesiano para nele mostrar a emergência do sujeito do inconsciente, pois, enquanto o pensamento está a serviço do gozo, a afirmação existencial do sujeito não coincide com o pensar, mas justamente com o instante em que o pensamento falha: "penso onde não sou, logo sou onde não penso". Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a emergência do inconsciente ocorre mediante o retraimento do pensamento, ou ainda, que o sujeito é correlato de um ponto cego do pensamento, "onde não penso pensar", do limite em que o pensamento se detém. São os mecanismos do processo primário que regem a partida do sujeito do inconsciente, condensação e deslocamento, metáfora e metonímia, o que "fixa meu desejo numa recusa do significante ou numa falta do ser e ata minha sorte à questão de meu destino, esse jogo é jogado, até que a partida seja suspensa, em seu inexorável requinte, ali onde não estou, porque ali não me posso situar" (1957/1998, p. 521). Em outra passagem, encontrada mais adiante no mesmo texto, Lacan convida seus interlocutores a "se indignarem com o fato de, após tantos séculos de hipocrisia religiosa e fanfarronice filosófica, ainda não se haver articulado validamente nada do que liga a metáfora à questão do ser e a metonímia à sua falta" (1957/1998, p. 532-533). Ao se levar em conta o que o psicanalista indica imediatamente antes deste trecho, a saber, que "se o sintoma é uma metáfora, dizê-lo não é uma metáfora, nem tampouco dizer que o desejo do homem é uma metonímia" (1957/1998, p. 532), conclui-se que a questão do ser se impõe ao sujeito sob o modo de metáfora, portanto, enquanto produção sintomática, enquanto àquela de sua falta-a-ser é correlata do deslizamento metonímico do desejo.

Lacan retoma o aforismo de Freud, no alemão "*Wo es war, soll ich werden*", criticando a tradução usualmente empregada, para indicar que não se trata do deslocamento do ego para a posição do *id* pulsional, mas de uma asserção concernente ao sujeito, tal como por ele concebido. Lá onde isso estava, é o sujeito que deve advir. Nas palavras de Lacan, "a neurose é uma questão que o ser coloca para o sujeito 'lá de onde ele estava antes que o sujeito viesse ao mundo' [...]. Trata-se aqui daquele ser que que só aparece no lampejo de um instante no vazio do verbo ser, e eu disse que ele formula sua questão ao sujeito" (1957/1998, p. 524). O sujeito é então situado como o instrumento da questão acerca de seu ser, questão que não pode responder, pois a condição de sujeito é justamente marcada pela falta-a-ser, por uma inerente e constituinte fratura em seu âmago. Coextensivamente, é por este procedimento que

o sujeito se constitui, no ato em que se coloca em questão. Lacan sublinha aqui sua distinção crucial entre o sujeito do inconsciente, caracterizado pelo deslocamento metonímico, e o eu (*moi*), como ego, submetido à inércia imaginária, a saber, a cristalização dos significados que resiste à insistência do inconsciente em se fazer ouvir.

A questão pelo ser simplesmente se impõe a partir do sujeito e é com ela que o analista deve operar em sua *práxis*. De acordo com Lacan:

> É realmente na relação com o ser que o analista tem de assumir seu nível operatório, e as chances que para esse fim lhe oferece a análise didática não devem ser calculadas apenas em função do problema supostamente já resolvido pelo analista que o guia nela. Há desventuras do ser que a prudência dos colégios e o falso pudor que garante as dominações não ousam suprimir deles mesmos. Cabe formular uma ética que integre as conquistas freudianas sobre o desejo: para colocar em seu vértice a questão do desejo do analista (1958/1998, p. 621).

Lacan diz explicitamente que a psicanálise opera na dimensão ontológica, modificando as amarras do ser. O processo analítico deve incidir na dimensão desejante, inconsciente, da falta-a-ser, carecendo da formulação de uma ética que coloque em questão o desejo do psicanalista, pivô do questionamento pelo ser-sujeito. Deste modo, a transformação visada como finalidade da análise não se reduz a conscientização – o que a situaria como uma prática humanista –, tampouco a uma ressignificação de representações – que a situaria no âmbito das práticas derivadas do pós-estruturalismo multiculturalista e representacionista –, e, menos ainda, a mera melhoria adaptativa ao ambiente – paradigma comportamentalista. A finalidade de um processo analítico deve estar articulada a uma transformação da relação do sujeito com o enquadramento fantasístico da realidade que sustenta seu desejo inconsciente, resultando na dissolução do sintoma neurótico, no apaziguamento da angústia e na dissipação das inibições.

Mais do que o ser ou seu par simétrico negativizado, o não-ser, é a falta-a-ser que encontra um correlato fundamental no desejo inconsciente, desejo inexoravelmente remetido ao desejo do Outro. Contudo, não encontra o complemento visado no Outro, a não ser pelo engano do neurótico que o substitui pela demanda articulada como evitação calculada do desejo relegado ao impossível, pois o Outro se revela ser também marcado pela incompletude, o que não deve ser tido como paradoxal, senão como condição de possibilidade para que haja desejo enquanto tal. Esta questão é abordada por Lacan em 1958, acerca da direção do tratamento analítico, afirmando que "o desejo é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta" (Lacan, 1958/1998, p. 633). Esse complemento solicitado ao Outro, "é propriamente o que ele não tem, pois também nele o ser

falta, é aquilo a que se chama amor, mas são também o ódio e a ignorância" (Lacan, 1958/1998, p. 633).[7]

Em seu seminário sobre o desejo (1958-9/2016), Lacan aborda a questão em torno da satisfação inerente ao sonho, o desejo de sonhar, pensado por Freud como *Wunsch,* desejo ou aspiração inconsciente. Segundo Lacan, "tudo o que Freud nos diz é que é um *Wunsch* que se satisfaz. Ele se satisfaz com quê? Eu diria: *ele se satisfaz com ser* (*il se satisfait de l'être*). Entendam, *com ser, satisfeito*" (1958-9/2016, p. 56). Essa satisfação do sonho no nível do *Wunsch* é caracterizada por Lacan como uma satisfação verbal, a qual se reflete na linguagem, "nesse *satisfeito com ser* [...] onde se desvela a ambiguidade da palavra *ser*. O ser está aí, ele se infiltra em tudo e também adota a forma gramatical de referência ao ser, *o ser satisfeito*" (1958-9/2016, p. 57). A seguir, pergunta-se se esse ser estaria do lado da substância, ao que responde:

> Não há nada de substancial no ser além da própria palavra, *ele se satisfaz com ser*. O ser (*l'être*), só o podemos tomar ao pé da letra (*lettre*). Afinal de contas, é algo da ordem do ser que satisfaz o *Wunsch*. Em suma, é só no sonho, ao menos no plano do ser, que o *Wunsch* pode se satisfazer (1958-9/2016, p. 57).

O ser converge com a realização do voto inconsciente que mobiliza a produção onírica, cuja satisfação reside em sua articulação significante, não requerendo nada além da tecitura alucinatória do véu sobre o qual se projeta para a satisfação especular. Essa problemática é retomada mais adiante no mesmo seminário, ao afirmar que "o desejo é relação do sujeito com seu ser" (1958-9/2016, p. 517), ou ainda, que "a pulsão pode se reduzir ao puro jogo do significante. E é assim também que podemos definir a sublimação [...] [como] aquilo que possibilita que desejo e letra se equivalham" (1958-9/2016, p. 517). Desse modo, a sublimação revela a relação do sujeito com seu ser, escrita da letra que engendra o ser, na medida em que "a sublimação se situa como tal no nível do sujeito lógico, ali onde se instaura e se desenrola tudo o que é, propriamente falando, trabalho criador na ordem do logos" (1958-9/2016 p. 518).

Se vemos mobilizada a dimensão ontológica no ensino de Lacan não é para que nela se assente a verdade última quanto ao ser do sujeito, senão para desvelar sua vacuidade que reside no funcionamento intervalar, descontinuísta, da cadeia significante. O lugar destinado ao ser deve permanecer vazio, residindo na abertura instaurada pelo corte na cadeia significante:

> Não somos idealistas, como se diz nos livros de filosofia; não somos daqueles que pensam que o ser é anterior ao pensamento, mas,

7 Cabe pontuar que a incompletude do Outro não é interpretada por Lacan como advindo da configuração factual de determinada condição cultural, mas tomada como condição *sine qua non* do simbólico. O psicanalista irá buscar seu correlato no exame mais extensivo da lógica simbólica, a saber, nos paradoxos da lógica formulados por Bertrand Russell e nos teoremas da incompletude de Kurt Gödel apresentados em 1931, marcando a falência do programa formalista de David Hilbert.

> para nos orientarmos em nosso trabalho de analistas, precisamos, nada menos, que fazer referência ao ser. Lamento ter de revolver para vocês o céu da filosofia; só o faço por obrigação, forçado, e, no fim das contas, porque não encontro nada melhor para operar. Portanto, diremos que o ser é o real em sentido estrito na medida em que se manifesta no nível do simbólico. Entendamos bem que é no nível do simbólico [...] que algo é acrescentado quando dizemos que uma coisa é isto ou aquilo, e que essa afirmação visa ao real, na medida em que é no simbólico que o real é afirmado ou rejeitado ou negado. O ser não está em nenhum outro lugar – que isso fique bem entendido – senão nos intervalos, ali onde ele é o menos significante dos significantes, ou seja, no corte. O ser é a mesma coisa que o corte. O corte o presentifica no simbólico (Lacan, 1958-9/2016, p. 437).

Não se trata, portanto, de que a psicanálise precise de uma definição ontológica como fundamento para a finalidade de sua práxis. O exame das categorias filosóficas se justifica por uma posição crítica que entende que, quer se queira, quer não, essas categorias estão arraigadas no arcabouço teórico-conceitual psicanalítico e se fazem presentes na formação do analista. Lacan retoma a concepção, bem explicitada em seu primeiro seminário – ao dizer que "cava-se no real o buraco, a hiância do ser enquanto tal. [...] a palavra introduz o oco do ser na textura do real" (1953-4/1986, p. 261), conforme vimos anteriormente – de que o ser é instaurado no real através da palavra. No entanto, convém sublinhar que neste momento a questão é elaborada em referência ao significante, noção advinda de uma depuração do funcionamento da ordem simbólica, distinguida daquela de palavra, a qual teria se mostrado insuficiente para caracterizar a especificidade de tal ordenamento. A ação delimitativa do significante é homóloga a ação de um corte topologicamente equacionado, intrinsecamente presumido pela noção crucial de estrutura, da qual o significante é solidário. Para Lacan, a morada do ser, se quisermos empregar um termo heideggeriano, não se confunde com a assunção da língua como um sistema totalizante, cuja ôntica estaria dada pela linguística. Pelo contrário, novamente afirma que o ser se aloja na hiância, no intervalo entre um significante e outro, dado que esse enlaçamento ou encadeamento significante perfaz um 'boucle', um laço, ou um furo, cujo bordejamento reitera a perda de gozo inerente ao funcionamento da ordem simbólica.

Acerca da problemática ontológica em Lacan nos anos cinquenta e sua articulação à reflexão de Heidegger em torno do esquecimento do ser, cabe a nós uma breve retomada de alguns pontos desenvolvidos. Em uma sucinta descrição geral dos pontos de aproximação entre o pensamento de Lacan e de Heidegger, indica-se que: em ambos a dimensão do ser é referida àquela da linguagem, havendo prevalência da segunda na articulação da primeira; ambos se referem a necessidade de articulação temporal para o advento do ser; a assunção da finitude da vida, o ser-para-morte, é tida como uma das principais balizas de suas reflexões, resguardadas certas especificidades. Quanto aos principais tópicos em que se verifica um distanciamento dos autores, as

divergências identificadas são: enquanto Heidegger desenvolve sua analítica existencial calcada em uma hermenêutica, Lacan declara sua pretensão de fazer avançar uma ciência conjectural a partir da adesão a certos pressupostos metodológicos estruturalistas – ainda que isso não permita delimitar uma unidade homogênea do múltiplo que se designa por este termo, razão pela qual o psicanalista jamais aceitou este rótulo —; enquanto há no pensamento do filósofo uma visada de realização do ser do ente, o psicanalista visa um equacionamento da questão do ser para o sujeito.

Embora a maior parte das referências de Lacan à reflexão heideggeriana se concentrem nesse primeiro período de seu ensino, não seria correto afirmar que elas simplesmente cessam ou que o suposto afastamento de Lacan em relação ao pensamento do filósofo signifique uma absoluta ruptura em relação ao que dele conviria ao delineamento psicanalítico da problemática do ser.[8]

Trata-se, em suma, da introdução do problema do ser, cujo delineamento é assumidamente heideggeriano, no âmbito das ciências conjecturais, sem com isso carregar a pretensão de fazer filosofia, pois, em última instância, o que está em jogo é uma refundamentação da psicanálise visando seus problemas cruciais referidos à transferência e a resistência dos psicanalistas à escuta do inconsciente.[9] Salienta-se não se tratar de uma especulação sobre o ser, mas sim do recolhimento de seus efeitos através do dispositivo que configura a *práxis* psicanalítica.

8 Mesmo no seminário 11, de 1964, no qual este passo decisivo já teria sido dado por Lacan, vemos sua menção a Heidegger, de modo a estabelecer certa relação entre o cogito cartesiano e a analítica existencial: "O modo de minha presença no mundo é o sujeito, no que, à força de se reduzir a essa única certeza de ser sujeito, ele se torna nadificação ativa. A continuação da meditação filosófica faz bascular efetivamente o sujeito à ação histórica transformante e, em torno deste ponto, ordena os modos configurados da consciência de si ativa através de suas metamorfoses na história. Quanto à meditação sobre o ser que chega ao seu cume no pensamento de Heidegger, ele restitui ao ser mesmo esse poder de nadificação – ou pelo menos põe a questão de como ele pode se reportar a ela" (1964/1988, p. 83). O sujeito, tal como colocado pelo cogito cartesiano, depurado das qualidades sensíveis para coincidir com a assunção de certeza de sua existência, se constitui através disto que Lacan chama de "nadificação ativa" – o que não se confunde com uma operação de negativação –, ao estabelecer o paralelo com Heidegger, indicando que o mesmo efeito de nulificação estaria posto na reflexão heideggeriana acerca do Ser, ou seja, na condição de que o Ser seja esvaziado da predicação.

9 Para uma apreciação de sua empreitada pela vertente heideggeriana do questionamento da dimensão ontológica, Lacan esclarece que: "Freud, com sua descoberta, fez penetrar no interior do círculo da ciência a fronteira entre o objeto e o ser que parecia marcar seu limite. Que isso seja sintoma e o prelúdio de um novo questionamento da situação do homem no ente, tal como o supuseram até hoje todos os postulados do conhecimento, não se contentem, rogo-lhes, em catalogar o fato de eu dizê-lo como um caso de heideggerianismo – mesmo que prefixado por um "neo", o que não acrescenta nada ao estilo bota-no-lixo pelo qual se costuma prescindir de qualquer reflexão através do recurso ao brechó de seus destroços mentais. Quando falo de Heidegger, ou melhor, quando o traduzo, esforço-me por deixar à fala que ele profere sua significância soberana. Se falo da letra e do ser, se distingo o outro e o Outro, é porque Freud os indica a mim como os termos em que se referendam os efeitos de resistência e transferência com que tenho tido que me haver, de maneira desigual, nos vinte anos em que venho exercendo esta prática – impossível, todos se comprazem em repetir com ele – da psicanálise" (1957/1998, p. 532).

Anos sessenta: a lacuna ontológica do inconsciente

Se os primeiros anos do ensino de Lacan são fortemente marcados pelas elaborações heideggerianas aliadas à leitura de Kojève da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, a implementação das contribuições de Jakobson ao paradigma estruturalista de Lévi-Strauss e Saussure, assimilado ao avesso em seu conjunto, juntamente com a retomada da filosofia da ciência de Koyré, as meditações de Kierkegaard e o emparelhamento inusitado de Kant com Sade, produzem uma inflexão em relação ao modo de abordar o problema ontológico, especialmente no que se refere aos elementos teórico-conceituais de matriz hegeliana.

A exposição intitulada "Subversão do sujeito e dialética do desejo" (1960/1998) apresenta o entrelaçamento de algumas dessas problemáticas, trazendo uma reflexão em torno do sujeito do inconsciente e apresentando alguns apontamentos acerca da questão do ser. Lacan faz importantes colocações na ocasião, referindo-se ao recurso ao pensamento de Hegel para a constituição da crítica que perfaz no seio da tradição psicanalítica, marcando em relação ao pensamento do filósofo suas divergências, especialmente em relação à irredutibilidade da dimensão ontológica à dialética hegeliana, ao afirmar que "é inadmissível que nos imputem ser enganados por um esgotamento puramente dialético do ser" (1960/1998, p. 818). Em suas palavras, "ser de não-ente, é assim que advém o [Eu] como sujeito que se conjuga pela dupla aporia de uma subsistência verdadeira, que se abole por seu saber, e de um discurso em que é a morte que sustenta a existência" (1960/1998, p. 816). Observa-se como a referência ao ente é como que erradicada quando se trata do sujeito, para situá-lo enquanto obstáculo ao saber, cujo plano de existência é dado pelo horizonte de finitude. Logo, questiona se "havemos nós de pôr esse ser na balança com o que Hegel forjou como sujeito, por ser o sujeito que sustenta sobre a história o discurso do saber absoluto?" (1960/1998, p. 817), indicando ser a psicanálise a via que a supera por ir até à "verdade da futilidade desse discurso" (1960/1998, p. 817), mencionando a doutrina da loucura como indício que permitiria inferir "com que hiância se separam, a freudiana da hegeliana, essas duas relações do sujeito com o saber" (1960/1998, p. 817).

A seguir, o psicanalista impele seus interlocutores a reconhecerem na metáfora do retorno ao inanimado empregada por Freud "a margem para-além da vida que a linguagem assegura ao ser pelo fato de ele falar, e que é justamente aquela em que esse ser investe na posição de significante não somente o que se presta a isso em seu corpo, por ser permutável, mas esse próprio corpo" (1960/1998, p. 817), ressaltando a impertinência em tomar a relação do objeto com o corpo pela perspectiva de uma identificação parcial a ser totalizada nele, "uma vez que, ao contrário, esse objeto é o protótipo da dotação de sentido do corpo como pivô do ser" (1960/1998, p. 817) – o que remete à dialética do desejo, à alternativa dada ao sujeito entre ser e não ser o falo (Lacan, 1957-8/1999), e de certo modo antecipa a concepção do gozo do Outro como gozo do corpo, assunção de um corpo gozante (Lacan, 1972-3/2008).

No seminário sobre a ética da psicanálise, o próprio móbil da pulsão é apontado por Lacan enquanto questão ontológica fundamental, derivada do que chama de "uma crise da consciência" produzida por um golpe na razão teológica. O argumento de Lacan parte da asserção de que "a idéia de criação é consubstancial ao pensamento de vocês. Vocês não podem pensar, e ninguém, em outros termos senão em termos criacionistas" (1959-60/1988, p. 159), indicando que o evolucionismo é nada mais do que um modo de defesa dos ideais religiosos e que a assunção da morte de Deus expressada por Freud e remetida ao pai primevo – cuja função só assume enquanto morto, vítima do parricídio que inaugura o pacto social – só desloca a questão acerca do que sustenta a dimensão da Lei na atualidade:

> A questão do Criador em Freud é, portanto, saber a que deve ser apenso, em nossos dias, aquilo que dessa ordem continua se exercendo. Esse é o termo de nossa pesquisa deste ano – o modo pelo qual a questão do que se trata na Coisa se coloca para nós. É isso que Freud aborda em sua psicologia da pulsão, pois o Trieb não pode de modo algum limitar-se a uma noção psicológica – é uma questão ontológica absolutamente fundamental, que responde a uma crise da consciência que não somos forçados a discernir plenamente, pois estamos vivendo-a. De qualquer maneira que a vivamos, o sentido do que tento articular diante de vocês é tentar fazê-los tomar consciência disso (1959-60/1988, p. 159).

Pela argumentação de Lacan, percebe-se que se trata menos de uma defesa do caráter ontológico da pulsão como característica importada da metapsicologia freudiana, do que da afirmação de que o conceito de pulsão no âmbito da obra de Freud não desempenha meramente uma função de ordem psicológica, mas responde a um questionamento de dimensão ontológica, a saber, acerca da vacância da função do Criador – e, complementamos, sua retomada enquanto dimensão *ex nihilo* do significante[10] que, em última instância, se constitui enquanto imperativo ético para o sujeito do inconsciente.

10 A problemática volta a ser comentada por Lacan algumas lições adiante, ressaltando a contradição entre o pensamento freudiano e o evolucionismo darwiniano. Lacan apresenta dois argumentos que se complementam: primeiro, a pulsão, tal como elaborada por Freud, implica a assunção de um dizer criador que seja historicizante, que a inscreva na dimensão temporal da vivência, designando uma origem – em suas palavras, existe a "necessidade de um ponto de criação ex nihilo do qual nasce o que é histórico na pulsão. No começo era o Verbo, o que quer dizer, o significante. Sem o significante no começo é impossível articular a pulsão como histórica" (1959-60/1988, p. 261-262), que seria suficiente para a introdução da criação ex nihilo na estrutura do campo psicanalítico; segundo, é somente pela perspectiva criacionista, ex nihilo, que se poderia implicar perpetuamente o ser no ente, indo além da crença, subjacente ao evolucionismo, em uma intenção criadora onipresente – de modo que "a perspectiva criacionista é a única que permite entrever a possibilidade da eliminação radical de Deus. É, paradoxalmente, apenas na perspectiva criacionista que se pode considerar a eliminação da noção sempre renascente da intenção criadora como suportada por uma pessoa" (1959-60/1988, p. 261-262). Para o psicanalista, enquanto o evolucionismo falha em prover uma explicação para a reorganização cultural das relações naturais, nas quais encontra seu fundamento e sua razão, o criacionismo aponta simplesmente que a artificialidade da ordem significante encontra sua razão em si, no reordenamento do mundo natural de acordo com seu funcionamento acéfalo e esvaziado de um sentido apriorístico.

No seminário sobre a identificação, Lacan retoma a problemática do gozo da Coisa em paralelo à noção de pulsão, fazendo um alerta a um de seus alunos que "da angústia fez o suporte e o signo e o espasmo do gozo de um si identificado [...] com esse fundo inefável da pulsão como do coração, do centro, do ser justamente onde não há nada" (1961-2/2003, p. 241), ao que complementa indicando que tudo o que teria ensinado sobre a pulsão "é justamente que ela não se confunde com este si mítico, que ela nada tem a ver com o que dela se faz dentro de uma perspectiva junguiana" (1961-2/2003, p. 241), advertindo ainda ser errôneo supor "que a angústia é o gozo daquilo que se poderia chamar de último fundo de seu próprio inconsciente" (1961-2/2003, p. 241).

Ainda neste seminário, Lacan afirma que a pulsão é "a primeira modificação do real em sujeito sob o efeito da demanda"[11] (1961-2/2003, p. 351) e remete seus ouvintes ao artigo de Freud "Triebe und Triebschicksale, que estranhamente traduziram aqui por 'avatares das pulsões', sem dúvida por uma espécie de referência confusa aos efeitos que a leitura de tal texto produziu na primeira obtusão da referência psicológica" (Lacan, 1961-2/2003, p. 351). Para Lacan, a pulsão não é de modo algum uma força vital destituída de articulação pela linguagem, pelo contrário, se trata de uma noção arraigada no deslocamento significante. A referência à tradução da obra freudiana, a caracterizando como "obtusão de referência psicológica", retoma a crítica a uma apreensão da pulsão no âmbito psicológico, desta vez não se referindo à sua dimensão ontológica, o que supõe não ser o ponto principal de seu argumento. A constatação de haver uma única ocorrência da afirmação do caráter ontológico da pulsão no ensino de Lacan é um indício de que não era esse seu principal argumento, e sim a crítica à "psicologização" da pulsão. Não obstante, o que se encontra alguns anos depois em Lacan, é justamente uma crítica aos desvarios em torno da pulsão freudiana que a tomam por uma 'mitologia ontológica':

> Donde a mitologia ontológica sobre a qual, com razão, vem-se atacar o psicanalista quando lhe dizem esses termos aos quais vocês se referem, e que, no final das contas vão apontar para esse lugar de afluência confusa da tendência... posto que é a isso que na filosofia comum da psicanálise se conduzirá enfim, e de maneira errônea, a pulsão. Eis aí, portanto, em que vocês trabalham. Vocês entificam, vocês ontificam uma propriedade imanente a alguma coisa de substancial: seu homem... antropologia do analista... nós a conhecemos há muito tempo, essa velha οὐσία [ousia], essa alma, sempre ali bem viva, intacta, não entalhada (Lacan, 1964-5/2006, p. 61).

Trata-se de uma crítica às leituras pós-freudianas equivocadas que tomam a pulsão como entificação das tendências comportamentais, como essência do homem, o que denuncia ser nada menos que a reaparição da velha alma ou substância inerente ao ente humano. Lacan busca de toda forma contornar o problema ontológico sem

11 Lacan aqui parece se referir à primeira atribuição de um sujeito que emerge onde outrora não havia nada, tal como desenvolve no grafo do desejo ao mostrar que é a suposição, por parte do Outro, de um sujeito no *infans,* que o constitui enquanto tal.

recair em afirmações precárias acerca do ser do "Homem", pois se recusa a entificar uma propriedade inerente à articulação significante.

No seminário de 1964, Lacan aborda diretamente a dimensão ontológica implicada na práxis psicanalítica. Ao comentar o texto de Freud sobre a etiologia das neuroses, Lacan traz novamente para o debate o problema colocado pela noção de causalidade psíquica, indicando que as especulações freudianas acerca do processo constitutivo do inconsciente remetem a um inacabamento. De acordo com o psicanalista:

> Vejam de onde ele parte – de A Etiologia das Neuroses – e o que é que ele acha no buraco, na fenda, na hiância característica da causa? Algo que é da ordem do não-realizado. Fala-se de recusa. É ir depressa demais nessa matéria – aliás, há algum tempo, quando se fala em recusa, não se sabe mais do quê se está falando. O inconsciente, primeiro, se manifesta para nós como algo que fica em espera na área, eu diria algo de não-nascido. Que o recalque derrame ali alguma coisa, isto não é de se estranhar. É a relação da fazedora de anjos com os limbos. Esta dimensão seguramente deve ser evocada num registro que não é nada de irreal, nem de desreal, mas de não-realizado (1964/1988, p. 28).

Há uma defesa irrevogável por parte de Lacan de um entendimento do inconsciente que não seja apartado de sua manifestação factual, enquanto falha no discurso consciente, que esteja em conformidade à subversão que o inconsciente introduz na razão. Lacan quer escapar das armadilhas de uma conceitualização descritiva do inconsciente, visando uma teorização do ato analítico – cuja exigência paradoxal seria de que, ao se constituir em enunciado, não esqueça sua enunciação – cuja ênfase recai na replicação da estrutura do objeto de investigação, a saber, o inconsciente, o que reafirma sua fidelidade à descoberta de Freud.

Isto só deveria ser compreendido como uma questão de estilo no sentido estritamente etimológico da palavra, como o que corta, que produz ruptura,[12] pois, em última instância se trata de um estilo que não se deve a uma preferência pessoal, a nenhum tipo de individualismo, mas a um estilo adequado ao objeto da psicanálise, caracterizado justamente por sua descontinuidade e vacuidade.

Na aula seguinte deste seminário, Lacan inicia sua exposição retomando uma questão colocada pelo seu então aluno Jacques Alain-Miller – o qual posteriormente se tornaria seu genro e legatário de sua obra – acerca do estatuto ontológico do inconsciente:

> A semana passada, minha introdução do inconsciente pela estrutura de uma hiância ofereceu ocasião a um de meus ouvintes,

12 Por essa razão Lacan pôde falar do corte como modo mais eficaz de intervenção analítica. Também por isso proliferam leituras que estabelecem correlações entre a prática privada de Lacan, suas decisões no âmbito político-institucional da Escola e questões teóricas de seu ensino: as sessões ultracurtas encontrariam correspondência na teoria do nó borromeano; a dissolução da Escola seria correlata da dissolução do programa estrutural.

> Jacques-Alain Miller, para um excelente traçado do que, nos meus escritos precedentes , ele reconheceu como a função estruturante de uma falta, e ele a reuniu, por um arco audacioso, com o que pude designar, falando da função do desejo, como falta-a-ser. Tendo realizado essa sinopse que certamente não foi inútil, ao menos para aqueles que já tenham algumas noções do meu ensino, ele me interrogou sobre minha ontologia. Não lhe pude responder dentro dos limites impostos ao diálogo pelo horário, e ficou combinado que eu obtivesse dele, antes de mais nada, a precisão daquilo com que ele cerca o termo ontologia. Entretanto, que ele não pense que eu de modo algum achei a questão inapropriada. Direi mesmo mais. Ela bateu particularmente em cheio, no sentido de que é mesmo de uma função ontológica que se trata nessa hiância, pelo que acreditei dever introduzir, como lhe sendo a mais essencial, a função do inconsciente. A hiância do inconsciente, poderíamos dizê-la pré-ontológica. Insisti nesse caráter demasiado esquecido – esquecido de um modo que não deixa de ter significação – da primeira emergência do inconsciente, que é de não se prestar à ontologia. O que, com efeito, se mostrou de começo a Freud, aos descobridores, aos que deram os primeiros passos, o que se mostra ainda a quem quer que na análise acomode por um momento seu olhar ao que é propriamente da ordem do inconsciente, – é que ele não é nem ser nem não-ser, mas é algo de não-realizado (1964/1988, p. 33-34).

Embora se trate de uma passagem bastante conhecida do ensino de Lacan, geralmente se omite a primeira parte do argumento em que o psicanalista reafirma se tratar de uma função ontológica colocada pelo inconsciente. O que é dito a seguir não vai no sentido contrário, ou seja, não nega essa função ontológica instaurada pelo inconsciente, apenas evidencia sua anterioridade lógica como constituinte da dimensão ontológica propriamente dita.

Assistimos a um movimento operado por Lacan ao longo de seu ensino que passa de uma especulação acerca do ser para a identificação do inconsciente como abertura que só pode ser situada num momento lógico anterior ao florescimento do ser, portanto, propício para sua constituição – desde que não se conforme como acabamento. É justamente essa completude que Lacan abomina, pois que só poderia estar escrita no registro imaginário-narcísico como cristalização frágil e ilusória da dimensão simbólica subjacente. Por essa razão que neste momento de seu ensino, apoiado na reflexão heideggeriana, Lacan desliza da dimensão ontológica propriamente dita para a dimensão ôntica, afirmando que o que qualifica como ôntico na função do inconsciente "é a fenda por onde esse algo, cuja aventura em nosso campo parece tão curta, é por um instante trazida à luz - por um instante, pois o segundo tempo, que é de fechamento, dá a essa apreensão um caráter evanescente" (1964/1988, p. 35).

Cabe aqui uma breve digressão para uma apreciação mais apurada dos termos empregados por Lacan. O termo "ôntico" é originalmente empregado por Heidegger para distinguir a dimensão do ente em oposição à dimensão ontológica do ser. No

entanto, a especificidade desta oposição não se estabelece em termos estáticos e irredutíveis, pois não se trata de categorias independentes e desvinculadas. Trata-se mais do estabelecimento de uma diferenciação em substratos lógico-temporais no interior de um processo de conscientização e historicização rumo a realização do ser do ente.[13]

Logo adiante, na mesma lição, o psicanalista complementa seu argumento, retomando o fio do argumento freudiano acerca da inacessibilidade espaço-temporal do inconsciente, a saber, referida a indestrutibilidade do desejo inconsciente:

> O desejo indestrutível, se ele escapa ao tempo, a que registro pertence na ordem das coisas? – pois o que é uma coisa senão aquilo que dura, idêntica, um certo tempo? Não haverá aqui lugar para se distinguir ao lado da duração, substância das coisas, um outro modo do tempo – um tempo lógico? Vocês sabem que eu já abordei este tema num escrito. Reencontramos aqui a estrutura escandida desse batimento da fenda cuja função lhes evoquei da última vez. O aparecimento evanescente se faz entre dois pontos, o inicial e o terminal, desse tempo lógico – entre um instante de ver em que algo é sempre elidido, se não perdido, da intuição mesma, e esse momento elusivo em que, precisamente, a apreensão do inconsciente não conclui, em que se trata sempre de uma recuperação lograda.[14] Onticamente então, o inconsciente é o evasivo – mas conseguimos cercá-lo numa estrutura, uma estrutura temporal, da qual se pode dizer que jamais foi articulada, até agora, como tal (1964/1988, p. 35-36).

Trata-se para Lacan de uma tentativa de articulação do modo *princeps* do aparecimento do inconsciente como o que insiste em despontar, mas resiste a sua plena apreensão. Mas essa não é a palavra final de Lacan quanto ao problema, pois, logo em seguida, vai indicar a fragilidade da hipótese de fundamentação do inconsciente em termos ônticos para situá-lo por uma ética, afirmando que

13 Neste sentido, a equiparação entre a dimensão pré-ontológica com a dimensão ôntica não pode ser originalmente atribuída a Lacan, pois se encontra sob a pena de Heidegger: "[...] é este por-fundar que dá à onto-logia [Onto-Logie] o vigor-violência da sua essência. Por detrás deste título, encobre-se-nos a história do ser. Ontológico significa realizar a reunião do ente com a sua entidade. Ontológica é aquela essência que, em conformidade com a sua natureza, se encontra nesta história, na medida em que a suporta sempre em conformidade com o não-estar-encoberto do ente. Podemos dizer, por conseguinte, que a consciência, no seu representar imediato do ente, é consciência ôntica. Para ela, o ente é o objecto. [...] Porém, porque não pensa a objectualidade enquanto tal, embora já a represente, a consciência natural é e não é ontológica. Dizemos que a consciência ôntica é pré-ontológica. Enquanto tal, a consciência natural, ôntico-pré-ontológica, é de modo latente a diferenciação entre o verdadeiro ôntico e a verdade ontológica" (Heidegger, p. 206-207, 1942/2002).

14 O termo "lograda" empregado na tradução é plurívoco, pois pode ser lido tanto como recuperação falhada, enganosa, ou como procedimento bem-sucedido, obtido, conquistado. A nosso ver, o termo empregado originalmente por Lacan em francês, 'leurrée', seria aqui melhor compreendido como tratando de uma recuperação falhada ou, precisamente, enganosa. O trecho na versão original em francês de Staferla é o seguinte: "la saisie de l'inconscient ne conclut pas, où il s'agit toujours d'une récupération leurrée".

"seu estatuto de ser tão evasivo, tão inconsistente, é dado ao inconsciente pelo encaminhamento de seu descobridor. O estatuto do inconsciente, que eu lhes indico tão frágil no plano ôntico, é ético" (1964/1988, p. 37). O psicanalista justifica, ao precisar sua afirmação, que "não é de modo impressionista que quero dizer que aqui seu encaminhamento é ético [...]. Se formulo que o estatuto do inconsciente é ético, e não ôntico, é precisamente porque o próprio Freud não adianta isto quando dá seu estatuto ao inconsciente" (1964/1988, p. 37).

Situar o inconsciente por referência à ética é nada menos que reiterar que a psicanálise se fundamenta por uma *práxis* que implica o sujeito do desejo a advir nesse lugar onde *isso* fala. A tentativa de equacionamento da intervenção psicanalítica enquanto ato só é pensável como correlata desta definição do estatuto ético do inconsciente, na medida em que se refere a um dever agir cuja medida é o desejo inconsciente. Por isso Lacan pôde destacar o desejo do psicanalista como operador lógico-conceitual do ato analítico.

A questão está diretamente implicada na concepção de causalidade inconsciente subjacente à produção sintomática, articulada ao problema da repetição e ao manejo clínico da transferência:

> é preciso definir a causa inconsciente, nem como um ente, nem como um οὐχ ὂν, um não-ente, – como faz, creio, Henri Ey, um não-ente da possibilidade. Ela é um μή ὂν [não-ser], da interdição que leva um ente ao ser, malgrado seu não-advento, ela é uma função do impossível sobre a qual se funda uma certeza. Aí está quem nos leva à função da transferência. Pois esse indeterminado de puro ser que não tem qualquer acesso à determinação, essa posição primária do inconsciente que se articula como constituído pela indeterminação do sujeito – é a isto que a transferência nos dá acesso, de maneira enigmática (1964/1988, p. 124).

Encontra-se aqui a função do impossível, modalidade lógica cara a Lacan para se referir ao real, caracterizando a causa inconsciente, a ser posteriormente identificada ao objeto *a*, objeto causa do desejo. É a indeterminação do sujeito que se mostra através da relação transferencial, como falta-a-ser, correlata do não-advento da assunção do ente em ser e do esquecimento (*aletheia*), reciprocamente.

Ainda no mesmo seminário do ano de 1964, Lacan volta a se remeter à pergunta de Miller acerca da ontologia em duas ocasiões e complementa sua concepção do problema:

> Esta é uma boa ocasião para eu definir, para recordar, o que no meu discurso certamente *não é*. Um tal... daqueles que desde meus Escritos me seguiram o suficiente para revisar o que tal nota contém... para dizer que pareço perseguir o propósito particular da busca de um estatuto ontológico da psicanálise sobre os fundamentos de uma coerência filosófica a partir do qual deve ser reinterpretado todo o aspecto do freudismo, aquele que estamos acostumados a qualificar como "naturalismo". Apesar dos

> impasses a que ele possa parecer conduzir, sua manutenção parece indispensável, porque esta perspectiva representa uma das raras tentativas, senão a única, de dar corpo à realidade do psiquismo sem substancializá-la. Mas é claro que direi que tenho minha ontologia – por que não? – como todo mundo no nível de uma filosofia, seja ela ingênua ou elaborada. Mas certamente o que tentei demarcar em um discurso que, se reinterpreta o de Freud, não está menos essencialmente centrado na particularidade da experiência que ele demarca, é precisamente algo que de forma alguma pretende abranger a totalidade do campo da experiência no qual vem a ser constituído[15] (1964, lição de 19/02/1964 tradução nossa).

É nítida a recusa de Lacan em assumir a designação que lhe imputa uma reinterpretação ontológica da psicanálise. Ao se deter mediante o "naturalismo" de Freud, Lacan não o reprova por sua escolha metodológica, e sim reconhece aí uma espécie de abrigamento do que constituiria o núcleo da prática analítica, uma estratégia que visaria preservar os fundamentos da psicanálise de uma substancialização. Portanto, o que Lacan recusa é a imputação de pretender prover uma ontologia ali onde Freud recorreu ao naturalismo, pois, não é essa sua visada. Ao dizer que todos possuem uma ontologia particular, inadvertidamente ou não, Lacan se refere a afirmação de que cada indivíduo carrega consigo uma concepção, consciente ou não, do que é e do que não é, a qual é determinante em sua vida, ditando suas ações e seu destino – e não que pretende prover um assentamento ontológico para a psicanálise. Aqui está em jogo o reconhecimento de uma espécie de tendência, que poderíamos chamar de aristotelismo, de empuxo à ontologização, à qual o psicanalista, enquanto indivíduo, também está submetido.

A recusa a uma substancialização que derivaria da pretensão ontologizante é o ponto central a que Lacan se remete ao retomar pela segunda vez a questão colocada por Miller, desta vez se referindo a ele diretamente:

> Apesar de minha recusa em seguir a primeira questão de Miller sobre o tema de uma ontologia do inconsciente, contudo soltei uma pontinha da corda, por referências muito mais precisas. Falei do ὂν, do οὐχ. Com o ὂν, eu fazia muito precisamente alusão à formulação que lhe dá Henri Ey, da qual não se pode dizer que seja da maior competência no que concerne ao que é do inconsciente – ele chega a situar, em alguma parte, o inconsciente em sua teoria da consciência. Falei do μή ὂν, do interditado, do dito-que-não. Isto não vai muito longe como indicação propriamente metafísica, e não penso com isto transgredir as demarcações que fixei para mim mesmo. Mas, assim mesmo, isso estrutura de maneira perfeitamente transmissível os pontos sobre os quais vocês fizeram cair sua questão. No inconsciente há um saber que não é de

15 Há uma significativa diferença entre a transcrição deste trecho do seminário contida na versão oficial editada por Miller e a versão extraoficial, fruto de um trabalho colaborativo de numerosos psicanalistas, a qual empregamos. Nesta versão é explícita a recusa de Lacan em assumir a designação que lhe imputa uma reinterpretação ontológica da psicanálise, o que constitui um ponto central de nossa argumentação e, portanto, justifica a escolha em empregá-la.

> modo algum a ser concebido como saber a ter acabamento, a se concluir. ὂν, οὐχ ὂν, μή ὂν, dar-lhe fórmulas como estas, ainda é substantivar demais o inconsciente. É por isso que eu as evito muito cuidadosamente (1964/1988, p. 129).

Se Lacan insiste na recusa de uma substantivação dessa instância que atravessa o discurso corrente e se revela em seus lapsos e repetições é para, na esteira do que reconhece como grande mérito de Freud, manter a dignidade (*pré-)ontológica* de seu objeto, caracterizada por uma hiância em que se reconhece a abertura pela qual o ser recai na indeterminação em que fica suspenso pela evanescente duração do instante que precede seu fechamento.

A questão do ser se articula para o sujeito por um recobrimento da questão da sexualidade, de modo que a falta primordial da sexuação que recai sobre o vivente como mortal e em busca da parte subtraída de si é escamoteada pela dialética do advento do sujeito a seu ser:

> A sexualidade se instaura no campo do sujeito por uma via que é a da falta. Duas faltas aqui se recobrem. Uma é da alçada do defeito central em tomo do qual gira a dialética do advento do sujeito a seu próprio ser em relação ao Outro – pelo fato de que o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro. Esta falta vem retomar a outra, que é a falta real, anterior, a situar no advento do vivo, quer dizer, na reprodução sexuada. A falta real é o que o vivo perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada. Esta falta é real, porque ela se reporta a algo de real que é o que o vivo, por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual. A busca do complemento, o mito de Aristófanes nos dá sua imagem de maneira patética, e enganadora, articulando que é o outro, que é sua metade sexual que o vivo procura no amor. A esta representação mítica do mistério do amor, a experiência analítica substitui a procura, pelo sujeito, não do complemento sexual, mas da parte para sempre perdida dele mesmo, que é constituída pelo fato de ele ser apenas um vivo sexuado, e não mais ser imortal [...] (1964/1988, p. 194-195).

A argumentação de Lacan articula em uma dupla vertente a falta enquanto constituinte do sujeito, enquanto "falta-a-ser" característica da dimensão desejante, da relação ao Outro, e como uma "falta real", anterior, da sexuação como articuladora da morte individual, do que instaura a morte enquanto horizonte. A morte está intricada estrutural e coextensivamente com a sexuação, de modo que daí se deduz uma espécie de amalgama entre recalque – referente ao desejo incestuoso, interdito pela lei simbólica e relativo à dimensão da sexualidade, enquanto articulada pelo complexo edipiano – e o que Heidegger chamava de "esquecimento do ser", de certo modo reformulado por Lacan enquanto falta-a-ser, mas que não deixa de se referir a um impedimento estrutural ineliminável, ainda que aludível pelas formações do inconsciente.

Ainda neste seminário, Lacan recorre às operações lógicas de conjunção e disjunção, apresentadas por um diagrama de Euler-Venn, para situar os processos

de alienação e separação que situam o sujeito em relação ao campo do Outro. É neste contexto que Lacan apresenta o ponto pivô da problemática ontológica em psicanálise, a saber, a insolubilidade da indagação pelo ser do sujeito, indicando que ao visar o ser, "o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso" (1964/1988, p. 200).

Em seu seminário de 1964-1965, Lacan chega a falar de uma ontologia subjetiva, indicando que "o termo subjetivo sendo tomado aqui num sentido de um qualificativo ou de um predicado objetivo. O que não quer dizer que é a ontologia que é subjetiva" (Lacan, 1964-5/2006, p. 227). O psicanalista esclarece que não se trata de tomar a ontologia como algo subjetivo. O que suas colocações sutilmente sublinham é justamente o paradoxo colocado pelo termo "ontologia subjetiva" ou "ontologia do sujeito", na medida em se trata da conjunção de duas noções contraditórias: ser e sujeito do inconsciente. A seguir, coloca a questão "qual é a ontologia do sujeito a partir do momento em que há inconsciente?" (Lacan, 1964-5/2006, p. 227), o que refere ser a questão da qual irá se ocupar naquele ano, indicando sua relevância no nível da responsabilidade do psicanalista. A questão de qual seria a ontologia do sujeito mediante a constatação do inconsciente fica sem resposta. No entanto, assim como o inconsciente insiste em se fazer ouvir, a questão formulada por Lacan acerca da ontologia do sujeito retorna e se desdobra, ecoando ao longo de seu seminário.

Um tema que aparece com frequência neste período de seu ensino é a distinção entre o que seria a abordagem filosófica e o que constitui a abordagem propriamente psicanalítica mediante questões correlatas ao sujeito, ao ser e ao gozo. Insiste-se, não necessariamente na designação da psicanálise enquanto antifilosofia – o que usualmente é destacado pelos psicanalistas e estudiosos da psicanálise de Lacan, acabando por ser tornar uma espécie de lugar comum ou enunciado vazio, caracterizado apenas por uma recusa ou contraposição, como se com isso se dispensasse o esforço de se elaborar o que de fato constitui sua especificidade – mas na reafirmação da práxis analítica enquanto restituição da questão do sujeito, colocando o sujeito em questão, seja na análise ou no discurso que sustenta sua doutrina. Especificamente, destaca a surdez da filosofia perante a relação do ser ao gozo:

> Desafio qualquer filósofo a nos prestar contas, até o presente, da relação que há entre o surgimento do significante e esta relação do ser ao gozo. Há forçosamente uma. Qual é? [...] O sujeito não é imanente, mas latente, evanescente na malha da linguagem, lá de dentro, é experimentado o gozo enquanto gozo sexual. Aí está a originalidade e o abrupto, o acento do que nos diz Freud. Mas por que é assim? Nenhuma filosofia, afirmo, atualmente coincide conosco. E esses miseráveis abortos de filosofia, que arrastamos atras de nós, como de hábito se despedaçam, não são outra coisa, desde o início do século passado, que uma maneira de galhofar, em vez de atacar essa questão que é a única sobre a verdade disso que se

> chama, e que Freud nomeou de instinto de morte, o masoquismo primordial do gozo. [...] Diante disso, toda fala filosófica se acovarda e se subtrai (Lacan, 1965-6, lição de 08/06/1966, tradução nossa).

Em outro momento, partindo da asserção que de "que haja inconsciente significa que há um saber sem sujeito" (Lacan, 1969/2003, p. 372), é categórico ao afirmar a incompatibilidade do inconsciente com todas as "-logias filosóficas", se referindo especificamente a impropriedade do conceito de instinto para conceber a noção de pulsão forjada por Freud. Diz Lacan que "todas as -logias filosóficas – onto-, teo-, cosmo- e também psico- – contradizem o inconsciente. [...] ao ser esmagado por uma das idéias mais bastardas da psicologia tradicional, nem sequer se atenta para o fato de que enunciá-la impossibilita essa suposição do Outro" (1969/2003, p. 372). Em que pese à crítica de Lacan ao emprego de um conceito tão arraigado numa vertente fisiologista como o instinto, o qual exclui de partida a causalidade significante inerente ao inconsciente e, sobretudo, a incidência do discurso (Outro) na constituição da corporeidade enquanto erógena (gozo do Outro).

Evidencia-se que a questão do ser permanece uma referência fundamental para Lacan pensar a prática analítica até mesmo no final dos anos sessenta. Em seu texto "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola", o fim de análise é definido por Lacan nos termos de um des-ser:

> A passagem de psicanalisante a psicanalista tem uma porta cuja dobradiça é o resto que constitui a divisão entre eles, porque essa divisão não é outra senão a do sujeito, da qual esse resto é a causa. Nessa reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser. Nesse des-ser revela-se o inessencial do sujeito suposto saber, donde o futuro psicanalista entrega-se ao agalma da essência do desejo, disposto a pagar por ele em se reduzindo, ele e seu nome, ao significante qualquer. Porque ele rejeitou o ser que não sabia a causa de sua fantasia no exato momento em que, finalmente, esse saber suposto, ele passa a sê-lo. [...] Assim, o ser do desejo une-se ao ser do saber para renascer, no que eles se atam, numa tira feita da borda única em que se inscreve uma única falta, aquela que sustenta o agalma. A paz não vem selar prontamente essa metamorfose em que o parceiro se esvaece, por já não ser mais do que o saber vão de um ser que se furta (1967/2003, p. 259).

Trata-se de uma das versões do que Lacan chamou de destituição subjetiva, na qual se descreve um movimento de certo modo avesso àquele apresentado em seu primeiro seminário, no qual a análise terminaria com a realização do ser. Aqui, parte-se da alienação ao desejo do Outro que se estabiliza na fantasia inconsciente, de modo que a análise a faria soçobrar pela destituição do sujeito suposto saber, deparando-se com a apreensão de seu desejo como a de uma desrealização de seu ser.

Anos setenta: subversão do primado onto-teológico do ser

Em uma entrevista para Robert Georgin em 1970 transmitida pela rádio belga e posteriormente transcrita e publicada com o título "Radiofonia", Lacan retoma a ocasião em que foi questionado por Jacques-Alain Miller em seu seminário de 1964 acerca da ontologia:

> Donde retomei ao real da ENS, isto é, do ente (étant) (ou do tanque [étang]) da École Normale Supérieure, onde, no primeiro dia em que ali ocupei um lugar, fui interpelado sobre o ser que eu atribuía a tudo isso. Donde declinei ter que sustentar minha visão de qualquer ontologia. É que, no que ela foi a visada de um auditório a ser habituado a minha logia, fiz de seu onto o vergonhoso. Engolido agora todo o onto, responderei, e não por rodeios nem com uma floresta que esconda a árvore. Minha prova só toca no ser ao fazê-lo nascer da falha que o ente produz ao se dizer. Donde o autor deve ser relegado a se tornar instrumento de um desejo que o ultrapassa. Mas há uma intermediação diferente que Sócrates disse em ato. Como nós, ele sabia que, no ente, precisa tempo para fazer-se ao ser.[16] Esse "precisa tempo", é o ser que o solicita ao inconsciente, para retornar a ele todas as vezes que lhe for preciso, sim, for preciso tempo. Pois entendam que brinco com o cristal da língua para refratar do significante aquilo que divide o sujeito. [...] É assim que o inconsciente se articula pelo que o ser vem ao dizer (1970/2003 p. 424-426).

Lacan não poderia ser mais direto e objetivo ao dizer que se negou a ter que sustentar qualquer ontologia, pois, em sua perspectiva, o ser nasce da falha que o ente produz a se dizer. O psicanalista ainda sublinha a dimensão temporal inerente a esse processo inconsciente em que o ser se articula por um dizer – temática amplamente explorada por Heidegger em *Ser e tempo*, a qual se haveria de explorar detidamente em busca de se estabelecer rigorosamente paralelos com a perspectiva de Lacan. O ser, portanto, se faz presente como imanência de um questionamento aberto e sem resposta definitiva. No entanto, pontua-se que, com isso, não se afirma a existência de um ente que pergunta por seu ser, mas se coloca em cena o sujeito enquanto questão por seu ser-em-falta, não se reportando à linguagem do ser, mas à dependência de uma escuta que possa captar o dizer que o determina e o fragmenta enquanto sentido – "*j'oui-sens*" ("ouço-sentido") que ressoa com "jouissance", conforme o jogo homofônico empregado por Lacan (1975-6/2007).

O que caracteriza a empreitada de Lacan em sua retomada e subversão do tradicional conceito de sujeito, oriundo da filosofia, em especial de Kant e, retroativamente atribuído a Descartes, é sua recusa em tomá-lo em uma perspectiva metafísica ou mesmo, em sentido amplo, ontológica. O sujeito é antagônico em relação ao ser. De acordo com Lacan, "o que se escreve sobre a Coisa deve ser considerado como o que se escreve vindo dela, não de quem escreve. É isso que faz

16 Esse trecho, do original em francês "Il savait comme nous qu'à l'étant, faut le temps de se faire à être", poderia ser traduzido como: "Ele sabia como nós que ao ente falta o tempo de se fazer ao ser".

com que a ontologia – em outras palavras, a consideração do sujeito como ser – seja uma vergonha (*honte*)" (1971-2/2012, p. 113). Destaca-se o provimento de uma definição de ontologia por parte de Lacan, enquanto "a consideração do sujeito como ser", o que o leva a caracterizá-la como vergonhosa. Em última instância, coloca-se em questão àquilo que vai na direção oposta do que o psicanalista visava explicitar, a saber, que a impossibilidade do sujeito "ser" é justamente o que circunscreve o problema do gozo.

Do ponto de vista psicanalítico, o horizonte da filosofia, o ser, é um véu que encobre o sujeito, o qual, no entanto, insiste em emergir através das formações do inconsciente, retorno do recalcado, como ruptura de um discurso que afirma a lisura na superfície do ser. A vergonha da qual fala Lacan poderia ser entendida sob um duplo aspecto: mediante a perversidade egóica que se sobrepõe ao sujeito enunciante, mas, sobretudo, pela ignorância da implicação ética do psicanalista enquanto destinatário do dizer inconsciente, ocupante da função de escuta desarticuladora de sentido e produtora de não-senso, posição que não permite alegação de inocência, dado que "ser psicanalista é uma posição responsável, a mais responsável de todas, uma vez que ele é aquele a quem está confiada a operação de uma conversão ética radical, aquela que introduz o sujeito na ordem do desejo" (Lacan, 1964-5/2006, p. 325).

Lacan ressalta que a enunciação parte de um outro lugar, lugar do grande Outro como alteridade absoluta, e não do sujeito, no entanto, há que se considerar que sob a égide do aforisma freudiano do "*Wo es war, soll ich werden*", frequentemente retomado pelo psicanalista na tradução "Onde o Isso estava, o Eu (Je, sujeito) deve advir", está dada uma cisão do sujeito: como efeito do deslizamento da cadeia significante, advindo de um dizer do Outro enunciante; mas também como avesso do desejo, impureza do Não-ser, enquanto pura enunciação. Essa cisão se equaciona pelo dispositivo propriamente psicanalítico de reposicionamento *a posteriori* do sujeito no lugar de uma enunciação que *a priori* vem do Outro – ou, em outros termos, do Isso freudiano –, que replica a estrutura do que Lacan chamou de pulsão invocante, fazendo ressoar uma enunciação em ato enquanto intervenção analítica, implicando o real-sujeito naquilo que se faz ouvir.

Mais adiante, Lacan afirma novamente não estar interessado em propor uma ontologia para a psicanálise, mas sim delimitar a constituição do Um que lhe seria logicamente anterior. Em suas palavras, "se vocês me permitem o neologismo, faço henologia. Com o que articulo, qualquer um pode fazer uma ontologia, conforme o que suponha para além desses dois horizontes que defini como os do significante" (1971-2/2012, p. 147). Henologia seria o nome dado a este arrazoamento do Um, pensada como anterior à ontologia, a qual constitui um modo de abordagem que desloca o problema do ser para o problema da oposição primordial entre o Um e o Múltiplo, questão que é situada por Lacan através do referenciamento ao Parmênides de Platão.

Primeiramente, faz-se necessário tecer alguns comentários acerca desse tão disseminado aforismo de Lacan que afirma que "Há-um" (*Yad'lun*) e que fundamenta a pontual asserção de sua preferência por uma henologia, em detrimento da ontologia. Quanto ao estatuto presumido do Um, cabe pontuar que não se trata da afirmação de uma substância [*ousia*] ou de uma totalidade sem fratura, pois, nas palavras do psicanalista, "é sempre do significante que estou falando quando falo do *Há-um* (*Yad'lun*)" (1971-2/2012, p. 146). O desenvolvimento da noção de "Um" perpassa uma exaustiva ponderação dos fundamentos do logicismo fregeano em articulação com a teoria dos conjuntos desenvolvida por Georg Cantor. A partir dessas considerações da lógica e da teoria dos conjuntos, Lacan opera um cerceamento lógico da noção de objeto *a,* tomando-o enquanto resto de uma operação homóloga à reiteração infinita da constante real algébrica irracional conhecida como proporção áurea.[17] Este um do "Há-Um" não é, portanto, o um da unidade totalizante, ou aquele da unicidade 'singular', senão do uniano, o um-a-menos, um que falta, conjunto vazio, e que converge sobretudo com um arrazoamento do "Un" do *Unbewusst*, ou seja, o "In" que marca a indeterminação, não-ser, *Mé On*. Tratar-se-ia, em última instância, de uma negatividade não meramente descritiva mas determinativa – ou melhor, indeterminativa – de um "menos um" que designa a falha, de Une-bévue, conforme a homofonia empregada por Lacan para se referir ao inconsciente (1976-7), uma equivocação.

É nesse contexto ontologicamente ralo e mais propriamente indeterminativo do que constitutivo, ou seja, mais alinhado a um arrazoamento ético do que a uma especulação propriamente ontológica, que se deve situar as reflexões de Lacan acerca do aforismo "Há-Um", do contrário incorre-se o risco de se aderir a leituras metafísicas, ainda que se acredite distante deste discurso, na medida em que a afirmação de substâncias o ratifica. A assunção do ser é nada menos que o sintoma, o retorno do recalcado, de um recalcamento do sujeito – absolutamente desprovido de qualquer estatuto ontológico, em falta de ser – que emerge em tentativas de afirmar ou denegar o ser que lhe é suposto, sem nunca o alcançar plenamente. A ilusória sobreposição entre sujeito e ser é o motor do discurso do mestre (*maître*, homofônico à *m'être*, ser-me), cuja natureza tirânica consiste no enganoso disfarce da precariedade em ser em seu avesso, a saber, em (frágil) fortaleza egóica.

Lacan insiste exaustivamente em dizer que não é sua intenção produzir uma ontologia, o que se evidencia ao dizer que "um dia certamente se encontrará

17 Deriva-se também dessa incursão um equacionamento lógico da problemática da sexuação, através da subversão do emprego usual dos quantificadores lógicos clássicos, instaurando um novo modo de conceber a negação dos quantificadores universais e existenciais, em estrita articulação à introdução da noção de conjunto (aberto, fechado, infinito, finito) no bojo da lógica categórica. Cabe ainda ressaltar que, também se dedicando ao arrazoamento das categorias modais derivadas, resvala novamente na questão do ser, na medida em que este é tradicionalmente atrelado pela ontologia à categoria da necessidade, a saber, pela dupla assunção de que o ser é necessário e de que é necessário que o ser seja.

alguém para fazer do que eu lhes digo uma ontologia, porque eu disse que a fala era um efeito de preenchimento da hiância que articulo ao dizer: não existe relação sexual" (1971-2/2012, p. 178), ao que complementa explicitando que não é disto que se trata. O tema da compreensão equivocada de seu ensino como ontologia logo aparece novamente neste seminário, desta vez comentando seu encontro com o famoso escritor e romancista, Umberto Eco, que havia recentemente publicado seu livro intitulado "A estrutura ausente", no qual dedica um capítulo para abordar os desenvolvimentos de Lacan:

> Quem manda é isso que tentei inicialmente produzir para vocês, este ano, sob o título de Há-um. O que comanda é o Um. O Um cria o Ser. Pedi-lhes que procurassem isso no Parmênides. [...] Evidentemente, o Um não é o Ser, ele constitui (fàit) o Ser. É isso que sustenta certa enfatuação criativista. A pessoa de que estou falando [...] explicou-me com clareza como se descobrira apegada ao que chamou de meu sistema, para denunciar seus pontos espinhosos, e é também por isso que hoje o destaco, para evitar uma certa confusão. Ele se apegou ao fato de achar que faço ontologia demais. [...] Dizer que faço ontologia, de qualquer modo, é engraçado. E colocá-la nesse grande Outro que mostro como devendo ser barrado, e destacado pelo próprio significante dessa barragem, é curioso. [...] O problema dele é que a ontologia e até o Ser lhe estão atravessados na garganta. É em razão disto: se a ontologia não é, simplesmente, senão a careta do Um, é porque, evidentemente, tudo o que se faz sob um comando é dependente do Um, e isso, meu Deus, isso o aborrece. Assim, ele gostaria muito que a estrutura estivesse ausente. E seria mais cômodo, de fato, para o passe de mágica. [...] Sobre o discurso analítico, achei que não seria mau, de qualquer modo, antes de deixá-los, apontar algo que lhes dê a ideia de que ele não apenas não é ontológico, mas também não é filosófico, é apenas exigido por uma certa posição, aquela em que acreditei poder condensar a articulação de um discurso (Lacan, 1971-2/2012, p. 214-215).

As denúncias realizadas por Lacan, de teses a ele atribuídas enganosamente, expõem obsessões que revelam o desejo e o modo de pensar de quem as dirige ao psicanalista e não uma objetividade descritiva do lido/escutado, pois o próprio psicanalista afirma não se tratar de proposições ontológicas que fundamentam sua práxis, confirmando o que é, de fato, sua tese, a saber, que, embora certamente a psicanálise não se detenha em nenhuma ontologia, a dimensão ontológica está colocada pela condição desejante e articulada pela fantasia inconsciente. Em suma, Lacan reafirma que: é o significante que produz o ser; o Outro não se constitui enquanto lugar de afirmação do ser em sua completude; a noção de estrutura permanece em vigor em seu ensino; o discurso analítico não se sustenta em uma ontologia.

Nota-se a recorrência do tema de "acusação ontológica" que Lacan relata sofrer. No seminário de número vinte, "Encore" – cuja tradução oficial, "Mais, ainda" não

faz jus a homofonia colocada em jogo por Lacan com "*en-corps*", explicitando um de seus principais argumentos desenvolvidos ao longo das aulas, a saber, da incidência do gozo no corpo –, o psicanalista novamente traz essa questão ao comentar o lançamento de um livro intitulado "O título da letra", escrito por Jean-Luc Nancy e Philippe Lacoue-Labarthe:

> O que abre, desde o começo desse livro, um desnível que prosseguirá até o fim, é que ele supõe em mim – e com isto pode-se fazer de tudo – uma ontologia ou, o que dá na mesma, um sistema. [...] são postos nesse livro todos os meus enunciados envolvendo os nomes dos principais filósofos em cuja ontologia geral eu inseriria meu pretenso sistema. No entanto, não pode ser ambíguo que ao ser, tal como ele se sustenta na tradição filosófica, quer dizer, que se assenta no próprio pensar tido por seu correlato, eu oponho que nós somos jogados e gozados pelo gozo. O pensamento é gozo. O que traz o discurso analítico é isto, que já estava começado na filosofia do ser – há gozo do ser. [...] ou seja, que, depois de tudo, o primeiro ser de que temos mesmo o sentimento, é nosso ser, e tudo que é para o bem do nosso ser será, por isso, gozo do Ser Supremo, quer dizer, Deus. Para dizer tudo, amando a Deus, é a nós mesmos que amamos, e ao nos amarmos primeiro a nós mesmos – caridade bem ordenada, como se diz – fazemos a Deus a homenagem que convém. O ser – se querem a qualquer preço que eu me sirva deste termo – o ser que eu oponho a isso [...] é o ser da significância. E não vejo no quê é decepcionar os ideais do materialismo – digo aos ideais porque está fora dos limites de sua épura – reconhecer a razão do ser da significância no gozo, no gozo do corpo (Lacan, 1972-3/2008, p. 95-96).

É nítida a intenção de Lacan de dar um passo adiante no equacionamento da questão do ser, indicando que há gozo do ser, considerando: primeiramente, que o pensamento é movido pelo gozo; em segundo lugar, que não há ser que não seja relativo à ação significante; finalmente, que a razão do ser da significância está no gozo do corpo – corpo erógeno, de feitura estabelecida pelo recorte significante, e não o mero duplo anatomofisiológico. O primeiro ponto é retomado por Lacan algumas aulas depois, indicando que "o inconsciente, não é que o ser pense, como o implica, no entanto, o que dele se diz na ciência tradicional – o inconsciente, é que o ser, falando, goze e, acrescento, não queira saber de mais nada" (1972-3/2008, p. 143), ao que complementa, ressaltando que "o defeito da ciência que qualifico de tradicional por ser a que vem do pensamento de Aristóteles, seu defeito é de implicar que o pensado é feito à imagem do pensamento, quer dizer, que o ser pense" (1972-3/2008, p. 143).

Nota-se que a subversão do vínculo primordial entre pensamento e ser implica na recusa da consideração do pensamento como instrumento a serviço do desejo, falta-a-ser. Reitera-se a desvinculação operada por Lacan entre pensamento e inconsciente para indicar seu aparelhamento ao gozo do ser através da fala. Se, num primeiro momento de seu ensino, o gozo parecia estar do lado do mutismo

de um tipo de satisfação paradoxal obtida imaginariamente pelo ego através do desprazer e situada em oposição à dimensão desejante vinculada pela fala, neste momento é a própria fala que se mostra parasitada pelo gozo.

Quanto ao segundo ponto destacado por nós, acerca do ser da significância, Lacan diz o seguinte:

> [...] não há metalinguagem. Quando digo isto, isto quer dizer, aparentemente – não há linguagem do ser. Mas haverá o ser? Como fiz notar da última vez, o que digo é que não há. O ser é, como se diz, e o não-ser não é. Há ou não há. Esse ser, não se faz senão supô-lo a algumas palavras – indivíduo, por exemplo, ou substância. Para mim, é apenas um fato de dito. A palavra sujeito, que eu emprego, toma então um acento diferente. Eu me distingo da linguagem do ser. [...] Não é porque escrevi coisas que tomam função de formas da linguagem que tenho que garantir o ser da metalinguagem. Pois, esse ser, seria preciso que eu o apresentasse como subsistindo por si, só por si mesmo, como a linguagem do ser. A formalização matemática é nosso fim, nosso ideal. Por que? Porque só ela é matema, quer dizer, capaz de transmitir integralmente. A formalização matemática, é a escrita, mas que só subsiste se eu emprego, para apresentá-la, a língua que uso. Aí é que está a objeção – nenhuma formalização da língua é transmissível sem uso da própria língua. É por meu dizer que essa formalização, ideal metalinguagem, eu a faço ex-sistir. É assim que o simbólico não se confunde, longe disso, com o ser, mas ele subsiste como ex-sistência do dizer (Lacan, 1972-3/2008, p. 160-161).

O que o psicanalista enfatiza novamente é sua recusa em adotar uma perspectiva ontológica no que tange a fundamentação da psicanálise. Dizer que "não há metalinguagem", que "não há linguagem do ser", ou que "não há o ser" são modos de reiterar sua diferença radical de posição em relação a filosofia do ser. A assunção da inexistência de qualquer transmissão por fora da língua, de um ponto arquimediano que propiciasse um panorama completo e sistemático do saber, reforça que sua concepção do simbólico não é de uma instância que pudesse subsistir no plano representativo apartado do dizer que o instaura, pois depende intrinsecamente de um ato enunciativo. É a partir deste arrazoamento que Lacan aposta na formalização sem perder de vista a implicação do sujeito, ou seja, a formalização subsiste somente enquanto atrelada a uma ética, e não como uma ontologia formal. É justamente neste ponto que Lacan, por preservar a noção de sujeito e as implicações éticas que dela derivam e incidem crucialmente no equacionamento da psicanálise enquanto práxis, se afasta do estruturalismo *strictu sensu*. Não há substância que não o acontecimento gozoso, que por sua vez depreende-se de um acontecer e não consubstancia um estado de coisas, de modo que os matemas não se reduzem a abstrações, tampouco se conformam a uma espécie de ontologia formalista.

A recusa de Lacan em fundamentar a psicanálise por uma ontologia é explicitamente reiterada em diversas ocasiões e sob variados pretextos. O psicanalista

adverte para não procurarem encontrar em seu ensino uma visão de mundo, pois esta está dada pelo fato de que é o significante que faz sustentar o mundo:

> [...] a prática psicanalítica nos mostrou o caráter radical da incidência do significante na constituição do que chamamos de mundo [...] não digo para o ser que fala, pois [...] esse deslizamento que se fez com o aparelhamento do significante... é isso que determina o ser naquele que fala. A palavra ser não tem sentido algum por fora da linguagem. Nós terminamos por se aperceber que não é a meditar sobre o ser que daremos de forma alguma o menor passo. [...] Conseguimos realmente concentrar o poder do significante de tal forma que uma parte deste mundo acaba, simplesmente, sendo escrita numa fórmula matemática (Lacan, 1972, tradução nossa).

Se Lacan emprega durante anos a fio o neologismo *parlêtre*, traduzido usualmente como ser falante, *falasser* ou *falente*, não é para destacar o ser ou o ente humano – ideia contra a qual se insurge reiteradamente –, mas sim para situar a questão no plano enunciante da 'falação', do dizer – sem o atrelamento identitário a um imaginário decalcado da anatomia e da presunção metafísica do *homo sapiens*. O neologismo também faz ressoar a dimensão da escrita, do *par-lettre*, pela-letra, sobre a qual se centra a pretensão de Lacan de dar conta da estrutura mesma do funcionamento da cadeia significante. Neste sentido, Lacan sustenta sua posição, destacando sua opção metodológica pelo equacionamento topológico e a impossibilidade de predicação do ser que resulta seccionado, o que o remete à sexuação enquanto fratura fundante:

> Que essa topologia convirja com nossa experiência a ponto de nos permitir articulá-la, não estará aí algo que poderia justificar aquilo que, nisto que coloco, se suporta, se ouspiora, em não recorrer jamais a nenhuma substância, em não se referir jamais a nenhum ser, e por estar em ruptura para com o que quer que seja que se enuncie como filosofia? Tudo que se articulou sobre o ser supõe que se possa recusar-se ao predicado e dizer o homem é, por exemplo, sem dizer o quê. O que diz respeito ao ser está estreitamente amarrado a essa seção do predicado. Daí nada poder ser dito senão por contornos em impasse, demonstrações de impossibilidade lógica, aonde nenhum predicado basta. O que diz respeito ao ser, ao ser que se colocaria como absoluto, não é jamais senão a fratura, a rachadura, a interrupção da fórmula ser sexuado, no que o ser sexuado está interessado no gozo (Lacan, 1972-3/2008, p. 20).

A articulação topológica da estrutura do sujeito do inconsciente se mostra como única via encontrada por Lacan para evitar as armadilhas de uma entificação do sujeito – asserção que poderia ser considerada absolutamente trivial, não fossem os desencaminhamentos dos lacanianos que tomam o recurso à topologia por metapsicologia.

A estratégia de Lacan consiste na identificação da dimensão ontológica enquanto imanente ao discurso, em especial, ao discurso filosófico ou ao que chama de discurso do mestre, não somente enquanto reservado às cátedras, mas que circula

nos mais variados espaços e produz os laços sociais em diversas esferas da sociedade, para então dele se diferenciar. Que o verbo "ser" seja privilegiado pela ontologia não significa que somente dele dependa a ontologia, pois a última está profundamente arraigada no discurso comum e diz respeito a um certo ordenamento da realidade, a uma dimensão reguladora enquanto imperativo do que deve ser:

> [...] nada mais fácil do que recair no que chamei ironicamente concepção do mundo, mas que tem um nome mais moderado e mais preciso, ontologia. A ontologia é o que valorizou na linguagem o uso da cópula, isolando-a como significante. Parar no verbo ser – esse verbo que não é nem mesmo, no campo completo da diversidade das línguas, de uso que pudéssemos qualificar de universal – produzi-lo como tal, eis uma ênfase cheia de riscos. [...] Toda dimensão do ser se produz na corrente do discurso do senhor, daquele que, proferindo o significante, espera pelo que é um de seus efeitos de liame que não deve ser negligenciado, que se atém ao fato de que o significante comanda. O significante é, de saída, imperativo (Lacan, 1972-3/2008, p. 44-45).

Destaca-se a irredutibilidade da cópula ao verbo ser, indicando-se que, ainda que a objetivação linguística do significante da cópula tenha sido favorecida pelas elaborações filosóficas europeias da tradição ocidental, trata-se de um princípio unitivo entre corpos e significantes que não se restringe a sua dimensão verbal. A tradução psicanalítica deste princípio da cópula é elaborada por Lacan em torno do Falo, como significante que completaria a falta no Outro, significado do desejo materno, de modo que a dialética do ter e/ou ser o falo demarca para neurótico os modos de se colocar a questão acerca de seu ser. O fato é que a cópula significante é impotente em estabelecer uma relação unívoca, pois, do contrário haveria uma comunhão com o real e a realização do ser pela via religiosa, enquanto restabelecimento da ligação perdida com o Criador.

Esta dimensão imperativa do significante está intrinsecamente articulada à temática do supereu freudiano, que Lacan reformula em termos de gozo enquanto mais-além do princípio do prazer. O imperativo do gozo do Outro é a mola que impele o sujeito a se oferecer enquanto objeto na tentativa de suturar a falta constitutiva deste Outro:

> Um deslizamento no curso dos tempos se fez, deslizamento que não é progresso, mas contorno, que, da consideração do ser, que foi a de Aristóteles, conduziu ao utilitarismo de Bentham, quer dizer, à teoria das ficções, demonstrando, da linguagem, o valor de uso, ou seja, o estatuto de utensílio. É daí que tornei a interrogar sobre o que é do ser, do bem supremo como objeto de contemplação, a partir do que acreditou-se antes poder-se edificar uma ética. [...] O Gozo do Outro, do Outro com A maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor (Lacan, 1972-3/2008, p. 11-12).

A ética da psicanálise não pode ser de uma contemplação do bem supremo, o gozo do Outro não constitui um referencial em que o sujeito possa se ver

refletido de forma apaziguadora, pelo contrário, na esperança de encontrar o amor só pode se deparar com a angústia, como afeto que não engana, como índice do desaparecimento da dimensão desejante do sujeito, da (virtualmente impossível) consumação da falta-em-ser em gozo do ser.

O inconsciente é situado por Lacan como saber do ser interdito ao sujeito, pondo em relevo a discordância inerente entre o ser e o saber:

> O que fala sem saber me faz eu, sujeito do verbo. Isto não basta para me fazer ser. Isto não tem nada a ver com o que sou forçado a pôr dentro do ser – suficiente saber para se aguentar, mas nem uma gota a mais. É o que, até agora, chamou-se de forma. Em Platão, a forma é esse saber que preenche o ser. A forma não sabe mais do que ela diz. Ela é real, no sentido em que mantém o ser na sua taça, mas cheia até à boca. Ela é o saber do ser. O discurso do ser supõe que o ser seja, e é o que o mantém. Há relação de ser que não se pode saber. É dele então, em meu ensino, que interrogo a estrutura, no que esse saber – acabei de dizer isto – impossível é, por isso, proibido. É aqui que jogo com o equívoco – esse saber impossível é censurado, proibido, mas não o é se vocês escreverem convenientemente o inter-dito, ele é dito entre palavras, entre linhas. Trata-se de denunciar a que sorte de real ele nos permite acesso. [...] Essa discordância do saber e do ser, é isto que constitui nosso tema. [...] Eu, não é um ser, é um suposto a quem fala. Quem fala só tem a ver com a solidão, [...] de ruptura do saber, não somente ela se pode escrever, mas ela é mesmo o que se escreve por excelência, pois ela é o que, de uma ruptura do ser, deixa traço (Lacan, 1972-3/2008, p. 161-163).

O sujeito é nada menos que um exilado do ser, destinado a retraçar os passos que o afastaram de sua origem e recolher os seus pedaços perdidos no caminho. Neste sentido, a obstinada indagação pelo ser do sujeito empreendida por Lacan, homotópica ao percurso de uma análise, esteve desde o início fadada ao fracasso, pois o horizonte do ser preserva sua distância intransponível conforme se caminha em sua direção, bordejando o abismo incontornável entre o sujeito e o ser. Empreendimento calcado em um logro, por não haver mais-além do véu sobre o qual se projetam as sombras do ser, ainda assim, se sustenta na aposta de um fortuito encontro com uma equivocação calculada que entrediz o interdito, de um redobramento do engano passível de criar um efeito de perspectiva que engana os olhos (*trompe-l'œil*), logrando suprimir a distância infinita que separa os planos do sujeito e do ser, e assim o ser-sujeito se revela pelo mesmo movimento que se desfaz, se mostrando em um instante evanescente para logo tornar a se velar novamente – ocultação que é mais propriamente um desaparecimento, desfazimento ou dissolução, pois não se atribui permanência ao conteúdo velado. Através da sutura do ser do desejo e do ser do saber em uma única borda, obtém-se uma superfície unilátera, moebiana, na qual as oposições verso e anverso, continente e conteúdo, são desfeitas, encontrando a resolução da dualidade, dissolvida no puro fluxo unário.[18] Saber vão de um ser

18 Retoma-se aqui o trecho da "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Es-

que se furta, pois o saber jamais poderia delimitar a deriva do ser perfazendo os labirintos da significância, trilhamento metonímico inesgotável do desejo que o faz desertado/des-ser (*déserté/ désêtre*).

Ponderações finais acerca da dimensão ontológica no ensino de Lacan

Lacan identifica a dimensão desejante constitutiva do sujeito do inconsciente enquanto correlata de uma falta-a-ser, balizada pelas coordenadas simbólico-imaginárias da fantasia como relação ao objeto causa do desejo. A dimensão ontológica do ser-sujeito não somente se constitui enquanto um norte para o processo analítico em um primeiro momento de seu ensino, visando a realização do sujeito em uma nítida convergência com as reflexões heideggerianas, como permanece um eixo central de uma reflexão acerca do sujeito do inconsciente, em estreito debate com a filosofia, ao longo de todo seu ensino.

Destaca-se a especificidade da abordagem psicanalítica frente às vertentes filosóficas de perscrutação do problema ontológico. O posicionamento constantemente reiterado por Lacan de rechaço em relação a uma fundamentação ontológica da psicanálise, por si só, evidencia esse distanciamento em relação às meditações filosóficas. Não obstante, buscou-se evidenciar a relevância atribuída pelo psicanalista a essa problemática e suas elaborações no âmbito da filosofia, na medida em que toca em questões inerentes à práxis psicanalítica.

Reafirma-se não se tratar de uma delimitação filosófica da problemática ontológica, mas de como, através da apropriação de certo modo de colocar a questão do ser, encontrada especialmente nas reflexões de Heidegger, constitui uma linha de força que atravessa o ensino de Lacan e, diferentemente do que se possa assumir, não se limita às suas formulações explícitas do início dos anos cinquenta, subsistindo enquanto pano de fundo e despontando em manifestações mais sutis nas décadas seguintes.

Lacan se deparou com o impasse colocado pela tentativa de fundamentar epistemologicamente a psicanálise como apropriação do objeto de conhecimento em uma psicologia – projeto do qual se encarregou nos primórdios de sua incursão pela psicanálise e precocemente descartou ao anunciar seu programa de "Retorno a Freud" nos anos cinquenta –, então identifica a lacuna ontológica estruturante do sujeito enquanto falta-a-ser, constituinte da dimensão desejante e de seu avesso, do gozo enquanto imperativo de transgressão da oposição intransponível entre sujeito e ser.

A dimensão ontológica propriamente dita, por só se articular por um dizer, requer ser equacionada pela dimensão ética, ou seja, deve ser tomada em sua performatividade enunciativa, supondo um sujeito indeterminado no ato de enunciação que se conjuga a um objeto não predicável no enunciado que se produz

cola" (1967/2003), acerca do fim da análise articulada à apreensão do desejo como uma desrealização do ser, abordado no final do último tópico.

– operando um corte no discurso que redefine retroativamente o sentido pela ação sincrônica da estrutura, como uma enunciação advinda do campo do Outro que perfaz a realidade e produz a cisão do sujeito, sendo jamais atribuível à ação volitiva de um indivíduo.

A subversão operada por Lacan visa uma renovação da problemática do sujeito na psicanálise, inabordável no campo epistemológico, que leva a um tangenciamento ontológico, requerendo, em última análise, se elaborar em uma ética que dispensa qualquer recurso à transcendência. O debate em torno da problemática ontológica poderia contribuir para uma renovação da vocação original da psicanálise, aparentemente esvaída, de suspensão do juízo valorativo e da razão classificatória, possibilitando a escuta do inconsciente como enunciação da alteridade que nos atravessa e nos interpela a responder nos termos em que se formula, impossibilitados de encontrar subterfúgio em um referencial teórico exterior. Trata-se de retomar essa condição crucial para que esse saber que não se sabe, mas que não cessa de se dizer, possa ser escutado.

Referências bibliográficas

FREUD, S. (1910/2013). "Sobre o sentido antitético das palavras primitivas". In FREUD, S. *Obras completas de Sigmund Freud*: v. observações sobre um caso de neurose obsessiva e outros textos. Tradução P. C. Souza. São Paulo: Cia. das Letras.

HEIDEGGER, M. (1942/2002). "O conceito de experiência em Hegel". In HEIDEGGER, M. *Caminhos de floresta*. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

LACAN, J. (1956). "Traduction d'un texte de Martin Heidegger 'Logos'". In Pas-Tout Lacan. Disponível em: https://ecole-lacanienne.net/bibliolacan/pas-tout-lacan/.

_____. (1965-1966). *Le séminaire XIII*. L'objet... (inédito). Disponível em: staferla.free.fr.

_____. (1964). *Le séminaire XI*. Fondements. Disponível em: staferla.free.fr.

_____. (1972). "Du discours psychanalytique: Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972". In: *Pas-Tout Lacan*. Disponível em: https://ecole-lacanienne.net/bibliolacan/pas-tout-lacan/.

_____. (1976-1977). *Le séminaire, XXIV*. L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre (inédito). Disponível em: staferla.free.fr.

_____. (1954-5/1985). *O seminário, livro 2*: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1953-4/1986). *O seminário, livro 1*: os escritos técnicos de Freud. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1959-60/1988). *O seminário, livro 7*: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1964/1988). *O seminário, livro 11*: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1954/1998). "Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud". In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1957/1998). "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud". In LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1958/1998). "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1960/1998). "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano". In LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1957-8/1999). *O seminário, livro 5*: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1961-2/2003). *A identificação*: Seminário 1961-1962. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

_____. (1967/2003). "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola". In LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1969/2003). 'O ato psicanalítico. Resumo do seminário de 1967-1968". In LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
_____. (1970/2003). "Radiofonia". In LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
_____. (1964-5/2006). *Problemas cruciais para a psicanálise*: Seminário 1964–1965. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.
_____. (1975-6/2007). *O seminário, livro 23*: o sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
_____. (1955-6/2008). *O seminário, livro 3*: as psicoses. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
_____. (1972-3/2008). *O seminário, livro 20*: mais, ainda. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
_____. (1971-2/2012). *O seminário, livro 19*: ...ou pior. Rio de Janeiro: Zahar.
_____. (1958-9/2016). *O seminário, livro 6*: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar.
ROUDINESCO, É. (2008). *Jacques Lacan*: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.